

# NOVOS RUMOS

ANO V — Rio de Janeiro, 29 de novembro a 5 de dezembro de 1963 — N.º 249

## Esmagar os Golpistas e Dar Soluções Concretas Aos Problemas do Povo

A reação entreguista prossegue em suas tramas. Contendo, nos dias que se seguiram ao assassinato do presidente Kennedy, suas manifestações no Congresso e na imprensa, já recomeça agora a agir ostensivamente. Anuncia-se a organização de um movimento coletivo de solidariedade ao coronel Francisco Boaventura, que se encontra preso por ordem do ministro da Guerra em face de atitude indisciplinada que assumira. Aliás, a conduta desse militar, dirigindo-se ao ministro Jair Dantas em carta desrespeitosa, amplamente e com escândalo divulgada pelos jornais mais reacionários, deixa claro que não se trata de um ato isolado e impulsivo, mas, ao contrário, de parte de um plano de provocação e agitação golpista previamente preparado. Procura o golpismo levar avante suas maquinações, promover manifestações de solidariedade ao coronel punido e, por esse caminho, fomentar uma crise militar que favoreça aos seus desígnios criminosos.

A Lacerda se utiliza da posse do chefe do seu Gabinete para pronunciar um discurso no qual chama o governo de "banda de assassinos" e as autoridades de "colaboradores de bandos", tudo dentro da sua conhecida técnica de provocador sempre a serviço do golpe reacionário. Toma-se indispensável, pois, que, diante do recrudescimento da conspiração entreguista, as forças patrióticas e democráticas não apenas mantenham acesa sua vigilância, mas intensifiquem sua ação, exigindo do Governo medidas firmes e enérgicas capazes de esmagar a criminoso atividade da minoria golpista.

Entretanto, essas medidas só serão realmente efetivas se baseadas em soluções populares para os problemas colocados diante da Nação. Em recente entrevista, considerada "grave advertência" e "apelo dramático" no sentido da realização das reformas de base, o sr. João Goulart apresentou denúncias e soluções que têm sido feitas e indicadas pelas correntes progressistas. Simples apelos e advertências, porém, desacompanhadas de medidas concretas, nada resolvem. Afirma o presidente da República, nesse pronunciamento, que "se o Governo, na plenitude de seus poderes, estivesse enfocado apenas em suas mãos (e o digo — acrescentou — apenas a título de ilustração), ninguém duvidaria de que as reformas já estariam feitas." Coloquemos de lado a evidente insinuação, que esse trecho sugere, de se constituir um governo discricionário. Reconhecemos que algumas reformas de base dependem do Parlamento, cuja maioria reacionária tem-se constituído em obstáculo à sua realização. É também certo, porém, que algumas reformas podem ser concretizadas e medidas eficazes podem ser adotadas, em benefício dos trabalhadores e do povo, contra o imperialismo e o latifúndio, no sentido, portanto, de uma política nacionalista e democrática, independentemente da Câmara e do Senado, por iniciativa do próprio Poder Executivo, do presidente da República. Em seu último dis-

cumento, os comunistas apresentaram um conjunto de medidas desse tipo e com esse caráter. E indicaram mais e necessidade, para que o Governo enverede por esse caminho, de romper com a política de conciliação que vem seguindo, de desfazer a aliança com a cúpula retrógrada do PSD, de recompor o sistema de forças que o constitui, com a substituição dos setores distanciadados das aspirações do povo por representantes das correntes políticas e sociais que estejam dispostas, no Parlamento e nas ruas, a dar apoio a uma nova política.

A luta contra a conspiração entreguista não pode, pois, ser desligada da luta pela solução dos problemas que afligem o povo. Não com esse intuito, mas as forças populares temer a iniciativa de promover uma ação coordenada e firme das massas populares para a conquista de um governo democrático e nacionalista que conduza o Brasil ao rumo de sua emancipação e progresso.



## Assassinato de Kennedy Foi Golpe de Estado

Consumou-se nos Estados Unidos, com o bárbaro assassinato do presidente John F. Kennedy, em Dallas, capital do Texas, um autêntico golpe de Estado. Num minuto concluiu, deram-se as mãos os fanáticos da guerra e os gangsters políticos, armando um ou alguns sicários para eliminar fisicamente o presidente norte-americano, em quem o paroxismo belicista dos ultra-reacionários iaques chegava a ver um agente do comunismo internacional.

Cada hora que passa, torna-se mais evidente para todo o mundo o verdadeiro significado do hediondo crime de Dallas. De um lado, os fanáticos da guerra termonuclear tramaram o fuzilamento de Kennedy pretendendo montar em Washington um dispositivo de poder mais débil aos seus criminosos desígnios e, portanto, radicalmente contrário a tudo o que possa significar um passo no sentido da paz mundial. De outro lado, tentaram apresentar o infame assassinato como se fosse iniciativa de um castrista, um comunista, com o propósito de utilizar o crime como ponto de partida para o desencadeamento de uma feroz ofensiva antidemocrática, tanto nos Estados Unidos como nos países que se submetem ao domínio ou à influência do imperialismo norte-americano.

Embora tenha fracassado a repulsiva manobra de apresentar o assassinato como um atentado comunista, a verdade é que o golpe de Estado foi consumado. As forças mais obscurantistas dos Estados Unidos — os racistas, os fascistas da Sociedade John Birch, a cúpula belicista do Pentágono e da CIA, os monopólios cujos lucros dependem do desenfreado corrida armamentista — desejavam, fuzilando Kennedy, afastar do poder (e da reeleição, ao próximo ano) as forças que, no campo imperialista, tendem a uma atitude de realismo político no plano internacional e, sob a pressão da opinião pública mundial, reconhecem a conveniência e a necessidade de acordos, embora parciais — como o da proibição de experiências termonucleares, concluído em Moscou — em função de ser evitada uma catastrófica terceira guerra mundial.

O golpe de Estado cometido em Dallas, ao revelar o desespero dos fanáticos ultradireitistas e a substituição da decantada "democracia representativa" pelo mais abjeto gangsterismo político, constitui uma grave advertência às forças amantes da paz em todo o mundo e do progresso em todo o mundo. A substituição da "democracia representativa" por um reacionarismo cego às ameaças de guerra e à reação é, hoje, um dever mais importante do que nunca.

## Fôrças Armadas Soviéticas Recepcionam Delegação da Aeronáutica Brasileira

Pela primeira vez na história de nosso País uma delegação de altas patentes das nossas Fôrças Armadas visita a União Soviética. Encontra-se naquele país o ex-ministro da Aeronáutica, brigadeiro Ronaldo Carvalho, juntamente com um grupo de altos oficiais daquela arma. Foram à URSS a convite das Fôrças Armadas soviéticas e visitaram instalações militares, campos de treinamento e fábricas de aviões, observando os progressos alcançados naquele setor pela engenharia aeronáutica soviética. Visitou também a delegação algumas regiões daquele país socialista, tomando conhecimento da situação real ali existente. Na foto ao lado, o brigadeiro Ronaldo Carvalho quando oferecia um presente ao marechal de aviação soviético, K. A. Vershinin. (Foto TASS, para NR).

### A Verdade Agrária no Brasil

Analisando os resultados do censo agrário de 1960, Jacob Gorender, em artigo que está na 5.ª página, mostra a verdade da situação no campo brasileiro e a necessidade da conquista de uma reforma agrária que atinja o poder do latifúndio e possibilite o progresso de extensas áreas do País, a criação de um amplo mercado consumidor, a redenção do camponês brasileiro.

### Lacerda Não Resolve os Problemas

Agravaram-se os grandes problemas da Guanabara nestes três anos de governo Lacerda. Água, não há. Telefone, idem. O número de favelas e favelados cresceu. Há crise de energia, de abastecimento. Apesar disso, exige o governador que não presta contas do dinheiro do povo, aumento de impostos e taxas para continuar a sua desenfreada campanha demagógica no rádio e na televisão. Reportagem na 6.ª p.

### Continua a Greve na Sorocabana

## Decretada Greve Nacional Dos Ferroviários: PUA Vai Parar se Ademar Não Pagar

Caminha para a terceira semana a greve dos ferroviários da Sorocabana, em São Paulo. A insubordinação brutal e criminoso do governador Ademar, recusando-se a negociar com os trabalhadores, levou a que os demais ferroviários de todo o País decidissem iniciar a solidariedade ativa aos seus compa-

heiros paulistas. Greve nacional de advertência nas ferrovias já foi decretada e deve começar a zero hora do dia 29. Continuando o impasse, estivadores, portuários, marítimos e outras categorias integrantes do PUA também paralisarão o trabalho. Leia noticiário na 2.ª página.

### Piquê do Sumaré Decidiu

Além da unidade da categoria, o Piquê do Sumaré, que impediu definitivamente o retorno ao ar das tevéis, marcou a greve dos radialistas que terminou com a vitória sobre a intransigência patronal. Em acordo assinado ontem, dia 27, no MTPS, os radialistas conquistaram aumento de 20% a partir de outubro e mais 30% a partir de dezembro. Reportagem na 2.ª página.

### Desfazendo Calúnias Sobre 35

Todos os anos, o 35 de novembro é utilizado pelas forças reacionárias para provocações e calúnias anticomunistas. A proposta do patriótico movimento dos aliancistas, Carlos Marighella, na 4.ª página, escreve artigo mostrando as raízes antipermissivas e antifeudais que marcam a ANL e desmascara, mais uma vez as mentiras amarradas pela imprensa de aluguel.

O Piquete do Sumaré

Roberto Morona

Na noite enluarada do dia 26 deste mês, no alto do Sumaré, junto à torre da TV, reuniu-se o Piquete para deliberar sobre a proposta do acordo entre os radialistas em greve e as empresas que exploram o rádio e a televisão. Essa proposta foi aceita, em princípio, pelas partes, na primeira audiência de conciliação, realizada na tarde desse dia, no Tribunal Regional do Trabalho.

O piquete do Sumaré, que desde os primeiros instantes da greve vitoriosa acampou junto à torre da TV, ouviu a explanação do presidente do Sindicato, Helmilo Froes, que falava também em nome do Comando Geral de Greve. Depois de uma minuciosa exposição, o Comando opinou pela aceitação da proposta apresentada, que representou um significativo triunfo para os trabalhadores e trabalhadoras do rádio e televisão do Estado da Guanabara, o mais importante núcleo do serviço de rádio e televisão de nosso País.

Democraticamente, cada um dos componentes do Piquete do Sumaré, o mais significativo e decisivo do movimento grevista dos radialistas, deu sua opinião, pediu esclarecimentos, fez advertências, ressaltou passagens da proposta, para poder conscientemente deliberar.

Antes, porém, foi ouvida a palavra dos representantes da caravana de solidariedade sindical, que estava no Alto do Sumaré, com os grevistas, levando-lhes alimento e agasalhos: CGT, CPOS, PUA, bancários, têxteis, aeronautas, portuários, rodoviários, hoteleiros, metalúrgicos, que externaram sua opinião e a experiência de suas lutas reivindicatórias.

Depois a votação: unânime pela homologação da proposta de acordo e aprovação da ação do Comando de Greve.

Nos dias que o Piquete do Sumaré lá esteve acampado, contou com a fraternal compreensão dos soldados da Polícia do Exército, enviados pelo I Exército, para manter a vigilância na torre e evitar os desmandos dos choques armados mandados pela Polícia de Vigilância do governador Carlos Lacerda e seu acólito Cecil Borer.

O contingente da PE foi saudado pelo Comando de Greve e pela Chefia do Piquete do Sumaré, pela cordialidade e solidariedade que demonstraram com os grevistas.

Esse episódio da greve dos radialistas ainda deverá ser escrito.

Dentro do Comando de Greve, estão conhecidos escritores do rádio e televisão, como o laureado Dias Gomes, comentaristas brilhantes, que deverão extrair desse episódio sábias lições e experiências para todo o movimento sindical brasileiro.

Reclamamos a organização sindical nos próprios locais de trabalho, como fundamental para que as entidades de trabalhadores tenham raízes sólidas em cada operário e onde eles próprios sentem, de perto, os sofrimentos e as injustiças sociais.

Os piquetes vão criando raízes no pensamento e na ação unida da classe trabalhadora e hoje são expressão latente da força e da solidariedade proletária.

O Piquete do Sumaré, sob as ordens do comandante Angelito, foi disciplinado, combativo e consciente das suas tarefas. Lá estavam, indomados, duas centenas de trabalhadores e trabalhadoras de rádio e televisão. Homens e mulheres. Silenciaram suas vozes no rádio, deixaram de representar na televisão, mas lá estavam: Jorge Goulart, Nora Ney, Simone Simone, Saulo Gomes e tantos outros que, ao clamar da lua, no alto do Sumaré, não puderam identificar pelos seus olhos já cansados.

Mas, a todos, sem exceção, enviamos as nossas mais comovidas saudações pela lição de entusiasmo e incentivo que nos deram os heróicos grevistas do Piquete do Sumaré.

Professores no DNT

Reunidos sábado, em assembleia geral, os professores de ensino médio da Guanabara deliberaram sobre o dissídio coletivo instaurado no último dia 13 pelo Ministério do Trabalho. Discutiram, também, sobre a proposta a ser adotada, na reunião com os diretores de colégios, no DNT.

De acordo com o que ficou acertado os professores recorrerão à greve caso os padrões sustentem a posição de intransigência diante das seguintes reivindicações: rescisão do atual acordo, com aumento salarial de 100%; ensino gratuito para os filhos de professores, em qualquer colégio; estabelecimento do prazo de seis meses para a vigência do contrato, e estabilidade para os delegados sindicais.

Delegados do CGT reúnem-se

Hoje e amanhã estarão reunidos na Guanabara os delegados estaduais do Comando Geral dos Trabalhadores. Debatirão: a revisão do atual salário-mínimo e a questão da regulamentação do direito de greve.

Ferrovários

Preparam os ferroviários da Leopoldina uma documentação das denúncias acerca das irregularidades administrativas registradas nas gestões de ex-presidentes da ferrovia, exonerados a pouco. O ofício-denúncia será enviado às autoridades competentes.

Unidade da Categoria e Piquete do Sumaré Garantiram a Vitória Dos Radialistas

Vitoriosos, os cinco mil radialistas da Guanabara assinaram na tarde de quarta-feira, dia 27, o acordo que pôs fim à greve que se estendeu por seis dias, durante os quais a intransigência patronal levou os cariocas a ficarem privados do rádio e da televisão.

Entrada e Saída

Os radialistas, vinham procurando os diretores do sindicato patronal e das empresas há vários meses no sentido de que fossem atendidas as reivindicações da classe sem que fosse necessário o movimento paralisista. Mas, apesar de seus esforços, os patrões não aceitavam qualquer forma de entendimento, o que levou os empregados a deflagrarem a greve nas primeiras horas do dia 22.

O sr. João Calmon, presidente do sindicato patronal, só acreditou na greve quando foi avisado — em Nova Iorque, onde estava a negócios — de que as emissoras haviam emudecido e que piquetes com centenas de radialistas garantiam a greve nas portas das emissoras e junto às antenas de transmissão do Sumaré, onde fora instalado um acampamento com cozinha de campanha e turmas de serviço, que vinha recebendo a todo momento a solidariedade do movimento sindical carioca e de vários deputados, entre os quais os sr. Paulo Alberto, Hércules Corrêa e Jamil Haddad. Diante da perfeita disposição dos radialistas a não voltarem para o ar sem salários condignos, as emissoras procuraram esvaziar a greve usando de todos os expedientes, no que foram impedidos pela ação enérgica do Comando de Greve.

Finalmente, realizou-se na manhã de quarta-feira uma última reunião de conciliação na qual o presidente do TRT apresentou a proposta do Ministério do Trabalho, aceita pelos radialistas enquanto que os empregadores não estavam dispostos a ratificar o acordo, mas foram levados a isso por algumas emissoras, principalmente pela TV Rio, cujos diretores, espavoridos, declararam que não poderiam resistir à greve, pois a TV Excelsior assinara o acordo em separado logo que a greve foi deflagrada, atendendo de pronto às justas reivindicações dos radialistas. A atitude dessas empresas ajudou a modificar o comportamento do sindicato patronal, que decidiu ceder e pa-

sinar o entendimento oficial com os empregados, que saíram assim de uma original e poderosa greve, mostrando a unidade e a disposição que predomina na classe dos radialistas.

Excelsior e Rio

As televisões Excelsior e Rio marcaram a greve por duas atuações completamente diferentes, pois se a Excelsior voltou ao ar poucas horas depois de deflagrado o movimento, transmitindo a palavra do presidente do Sindicato dos Radialistas, sr. Helmilo Froes, que explicou as razões da volta ao trabalho naquela emissora que assinara o acordo, a TV-Rio, no dia seguinte, apresentava-se no TRT dizendo-se disposta a firmar um acordo nos mesmos moldes que a Excelsior. Discutiu os termos, quando uma ditilógrafa estava preparando a minuta para que as partes a assinassem, os diretores da TV-Rio, sr. Antonio Amaral e Moacir Areias ausentaram-se dizendo que iam comunicar a decisão ao sindicato das emissoras. Mas essa não era a verdade, pois estava sendo posto em prática um plano policial que visava colocar a TV-Rio no ar, a força e sem acordo. Para isso já tinham sido convocados alguns fura-greves e muitos técnicos de São Paulo e um choque da Polícia de Vigilância, que tinha ordens de abrir fogo contra o piquete do Sumaré. A revoltante atitude dos diretores da TV-Rio para

com os membros do TRT e para com os empregados surgiu no efeito apenas momentâneo, pois o aparato policial só pôde manter a emissora no ar por algumas horas, sendo que depois a polícia foi obrigada a retirar-se do Sumaré com a chegada de um contingente da Polícia do Exército.

O Piquete do Sumaré

Um dos aspectos mais originais da greve foi a manutenção do piquete no alto do morro do Sumaré, junto aos transmissores, funcionando dia e noite, com turmas de plantão e de ronda, os quarenta radialistas que o integravam impediram que as emissoras entrassem em funcionamento enquanto a greve perdurasse. O comandante do piquete, radio-ator Angelito Mello, organizou todos seus companheiros em grupos de trabalho, sendo que nenhum radialista ficou sem ter o que fazer, pois enquanto uns vigiavam o local outros arriam picadas na mata, dizendo juocosamente que faziam a reforma agrária no Sumaré.

A turma dos transmissores não se intimidou em nenhum momento, nem diante das metralhadoras da Polícia de Vigilância nem com os mosquetos que iam a região. Quando chegaram as tropas do I Exército, os radialistas, que estão acostumados a levar a alegria à população, organizaram shows em homenagem àqueles que haviam corrido a

polícia. Entre os integrantes do piquete encontravam-se alguns super-homens do vídeo, tais como o Barro (Darl Reis) e o Falcão Negro (Gilberto Martinho), e ainda dentre outros, a radio-atriz Simone de Moraes.

Os «Shows» de Rua

O toque mais alpitônico da greve dos radialistas foram os shows de rua e as batucadas de campanha organizadas pelos grevistas. Esses movimentos, destinados a angariar a solidariedade popular, foram calorosamente recebidos pelo carioque, que somente na barraca instalada na Cinelândia colaborou com 50 mil cruzeiros para o sucesso dos radialistas. Além das valiosas colaborações que foram enviadas ao Comando Grevista pelos outros sindicatos da Guanabara, podemos ressaltar ainda o apoio prestado à greve pelo Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI), que publicou um manifesto de solidariedade aos radialistas, e ainda a colaboração material de várias personalidades que, apesar de várias perseguições internas das emissoras, fizeram questão de colaborar com os grevistas, quer hipotecando-lhes sua solidariedade, quer enviando-lhes mantimentos ou dinheiro para que a cozinha instalada no sindicato não passasse.

O Comando de Greve

Será difícil que haja outra greve com tantas pessoas conhecidas e admiradas pela população pois a greve do rádio e da televisão foi a greve da gente famosa, o exemplo disso está no próprio comando de greve, integrado pelo presidente Helmilo Froes, Celso Teixeira, Dina Gomes, Mário Lago, Teixeira Filho, Lauro Falcão, Perez Junior, e ainda na participação de cartazes como Neusa Maria, Norma Heleninha Costa e Jorge Goulart nas manifestações dos grevistas.

A Questão Salarial

Finda a greve, os radialistas seguramente irão comemorar a vitória alcançada e a solidariedade recebida tão espontânea e significativamente como o banquete de 40 talheres oferecido por uma churrascaria no piquete da TV-Rio, realizado em plena rua com mesas cobertas e garçons.

Os radialistas, por meio do acordo firmado ontem, receberão um aumento de 20% com efeito retroativo a partir de outubro, sendo que em dezembro receberão um abono de mais 30% que irão totalizar um reajustamento salarial de 50%. Por outro lado, a 15 de dezembro o TRT vai pronunciar-se, estipulando a tabela do salário mínimo profissional que passará a vigorar para os radialistas. Os empregados em rádio conseguiram ainda duas grandes vitórias: as férias de 30 dias e a estabilidade provisória para os três delegados sindicais de cada empresa.

USEO: assembleia, gratificação e festa

Foi realizada dia 30 próximo passado uma assembleia geral dos servidores estaduais, na sede da Associação dos Têxteis e Mecânicos à Av. Marechal Floriano 227-A. Discutiram o Projeto da Lei 111-E, e sobre a unidade das entidades em face das questões referentes aos interesses da categoria.

Os funcionários que trabalham com aparelhos de Raios-X estão reclamando do Legislativo a gratificação de 30% que percebiam até 1 de novembro corrente. Impetraram, também, os servidores, um mandato de segurança.

Por outro lado, programou a USEO para o dia 30 às 10 horas a solenidade de posse da Diretoria do Departamento Feminino da Entidade. Após o ato de posse, a ser realizado à rua Paraíba, 19, será realizado um baile comemorativo, com corcoba da Rainha da Festa.

Eleições

Os alfaiates, costureiros e demais oficiais em empresas de roupas estão elegendo desde ontem (o pleito encerrará amanhã) os novos dirigentes do Sindicato para a próxima gestão.

Gráficos protestam

Telegrama de protesto foi enviado pela Federação Nacional dos Trabalhadores na Indústria Gráfica ao ministro do Trabalho tendo em vista as arbitrariedades cometidas contra os operários gráficos de Sorocaba.

Gráficos

Os trabalhadores na indústria gráfica elegeram nos dias 10, 11 e 12 próximos os dirigentes de seu sindicato. O atual presidente do Sindicato, Giovanni Romita, é candidato à reeleição.

Metalúrgicos: reunião amanhã

Será realizada amanhã, dia 29, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos uma reunião dos delegados de fábrica. Entre os problemas colocados na pauta das discussões destaca-se aquele referente à campanha de sindicalização.

Quanto a essa campanha intensificada pelo Sindicato, e que está sendo levada às portas de fábricas, sobressai o significativo resultado alcançado na empresa Celbrasil, em que foram sindicalizados 52 operários em poucas horas.

Comerciários elegem

Serão realizadas no dia 14 de dezembro vindouras eleições para a escolha da nova Diretoria da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio (CNTC). Esse é o segundo pleito a ser levado a efeito, pois na primeira oportunidade houve empate na contagem.

Aeronautas aceleram campanha: 100%

A Federação Nacional dos Aeronautas, que em ação conjunta com a Entidade Nacional dos aeroviários, reivindica uma majoração salarial da ordem de 100%. Intensificou a campanha pela revisão do acordo vigente.

Assim, uma série de reuniões estão sendo realizadas tendo em vista a assembleia geral a ser realizada amanhã, dia 29. Da preparação para a grande assembleia consta uma reunião, para hoje, dos comandantes e pilotos, enquanto no dia 26 foi realizada a reunião dos comissários de bordo, e, ontem às 10 horas, reuniram-se os radio-pedagogos, mecânicos e navegadores.

Bancários

Está programado para o dia 30 próximo às 17 horas, na sede da Associação dos Empregados do Comércio (AV. Rio Branco, 120), a realização de uma festa denominada Da Unidade.

A festa, promovida pelo Sindicato dos Bancários, contará com a participação dos expoentes da música popular brasileira, tais como, Ciro Monteiro, Araci de Almeida, Carolina, além da Escola de Samba dos Acadêmicos de Salgueiro e do Centro Popular de Cultura (CPC).

Trabalhadores da AL: unidade

Reunidos nos dias 23 e 24 do mês corrente na cidade do Rio de Janeiro, os membros do Secretariado Executivo do Comitê Coordenador Sindical de Trabalhadores da América Latina, com a presença de todos os seus componentes, para examinar o desenvolvimento dos preparativos do CONGRESSO DE UNIDADE SINDICAL, constatou-se que têm aumentado as adesões a esse objetivo comum de todo o movimento operário do nosso continente.

Essas manifestações são a melhor garantia do êxito do futuro congresso, porque correspondem às aspirações e à vontade da massa laboriosa da cidade e do campo de nossos países irmãos.

Depois de um profundo e detido debate, decidiu-se o seguinte: a) Manter em todas suas partes a convocação desse Congresso, a celebrá-lo nos dias 24 e 28 de janeiro do próximo ano, na República dos Estados Unidos do Brasil;

b) Aprovar as normas regulamentares da participação no Congresso de Unidade Sindical de nosso Continente, sem exceção;

c) Determinar que a próxima reunião do Secretariado Executivo se realize, no dia 15 de janeiro do ano próximo, no Brasil, na qual se examinarão os documentos que serão entregues a cada delegação, assim como se tomará conhecimento das adesões recebidas;

d) Encarregar as organizações sindicais do Brasil da constituição de um Comitê responsável pela instalação e parte administrativa do Congresso;

e) Estabelecer que todas as adesões ao Congresso, assim como os recursos econômicos para os gastos de preparação e organização do referido congresso, deverão ser enviados ao Secretariado Executivo, com sede em Santiago — República do Chile, no seguinte endereço:

Calla Campaña, n.º 1477 ou al Castilla 9.012, Correo Central. Para o envio de qualquer importância em dinheiro deve ser feita em nome de JULIO BENITEZ CASTILLO, no mesmo endereço. Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1963. (Pelo Secretariado Executivo) J. Benítez Castillo.



O Piquete do Sumaré

PUA Vai à Greve Geral se Ademar Não Atender Ferroviários da Sorocabana

Reunido na terça-feira, dia 26, quando a greve geral dos ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana entra no seu 16º dia, o Pacto de Unidade e Ação deliberou medidas e ações de luta diante da intransigência do governo Ademar de Barros, que se nega a dar uma solução ao movimento reivindicatório.

Em seu comunicado, o PUA prevê a extensão da greve às demais ferrovias do País, caso até hoje, quinta-feira, não seja dada nenhuma solução. E se o governador de São Paulo resistir em não atender às reivindicações dos ferroviários da Sorocabana, a greve de solidariedade paralisará as demais categorias do Pacto de Unidade e Ação, em âmbito nacional: Estivadores, Portuários, Marítimos e Arrumadores.

O Documento

É o seguinte o texto do documento: "O Pacto de Unidade e Ação, em sua reunião de hoje para apreciar a GREVE GERAL dos Ferroviários da

Estrada de Ferro Sorocabana, no Estado de São Paulo, tomou conhecimento da intransigência do sr. governador de São Paulo e de seu secretário dos Transportes, não possibilitando qualquer entendimento para pôr termo à GREVE dos 22 mil ferroviários daquela importante ferrovia.

Como os ferroviários daquela ferrovia se encontram já no 16º dia de GREVE, e considerando que a greve é única e exclusivamente de caráter reivindicatório para cumprimento de acordos anteriormente firmados entre Governo e ferroviários; Considerando que até o momento o governo do Estado de São Paulo, bem como o seu secretário dos Transportes, não se dignaram abrir possibilidades para início de qualquer acordo que pudesse pôr termo ao movimento grevista;

Considerando que as greves até aqui realizadas nas empresas das esferas federais para conquista de reivindicações são sempre criticadas pelo governo de São Paulo, que diz serem as mesmas a gosto do sr. presidente da República. Indagamos agora do governo de São Paulo qual o motivo ou quais as forças que o impedem de solucionar a greve dos ferroviários da Sorocabana;

Considerando que são reivindicações as mais elementares e justas, cabe ao governo do sr. Ademar de Barros toda a responsabilidade das consequências dela resultantes, dada a sua desumana e meditada intransigência contra os direitos dos trabalhadores e os interesses de São Paulo e do Brasil.

RESOLVE:

1º — Dirigir-se ao governador de São Paulo para que imediatamente atenda as reivindicações dos ferroviários da Sorocabana;

2º — Se não houver solução até o dia 28 do corrente, somos obrigados a cruzar os braços em outras ferrovias do País, a fim de

abrir as portas da intransigência do sr. governador de São Paulo;

3º — Se esta posição ainda não der uma solução capaz de pôr termo ao movimento grevista, com o atendimento das reivindicações dos ferroviários, recorreremos imediatamente a uma solidariedade mais ampla em todas as ferrovias, e após disso em todas as categorias do Pacto de Unidade e Ação, nacionalmente, estivadores, portuários, marítimos e arrumadores;

4º — Esta nossa decisão será levada ao conhecimento do Comando Geral dos Trabalhadores que se reunirá nos dias 28 e 29 do corrente, com representações de delegados dos Comandos Estaduais.

Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1963. Osvaldo Pacheco — Presidente do PUA. Raphael Martinelli — Presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários. Armando Maia — Presi-

dente da Federação Nacional dos Arrumadores. José Melo Farias — Presidente da Federação Nacional dos Oficiais de Máquinas, Motoristas, Condutores, Foguistas e Eletricistas. Walter Menezes — Presidente da Federação Nacional dos Portuários. Rubens Teixeira — Presidente da União dos Portuários do Brasil. Severino Neno Schnajpl — Presidente da Federação Nacional dos Arrumadores."

novos rumos

Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Diretor Orlando Bomfim Júnior. Diretor Executivo Fragonor Carlos Borges. Editor Luiz Gazzaneo. Guttemberg Cavalcanti. Redator Av. Rio Branco, 357, 17º andar, sala 1712. Telefone 42-7344. Gerência: Rua Leandro Martins, 74, 1º andar (Centro). Endereço bancário: NOVOS RUMOS. EDIÇÃO DE MINAS GERAIS. Redação e Administração: Rua dos Cartões 121, 2º andar, S/204. Tel. 4-8698 — Belo Horizonte. Sucursal de São Paulo: Rua 15 de Novembro, 225, 8º andar, sala 527. Telefone 35-0153. Sucursal do Paraná: Rua José Laureiro, 133, 3º andar, sala 311 — Curitiba.

Livros que o Povo Aguardava:

- 1 — Como o Brasil Ajuda os E.U.A. — De Arnaldo Ramos
2 — A Terceira Guerra — de Lúcio Machado
3 — Em Agosto Getúlio Ficou Só — De Almir Matos
4 — Inflação, Arma dos Ricos — De Fausto Cupertino

COLEÇÃO «REPORTAGEM» Do Centro Popular de Cultura da U.N.E.

Preço por exemplar: Cr\$ 300,00. Pedidos pelo reembolso postal à EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Rua Leandro Martins, 74-1º andar. Rio de Janeiro — GB.

CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

G.V. Plekhánov. Um livro indispensável aos jovens estudantes, aos historiadores, a todos os que se interessam pelo estudo científico da História, constando de três ensaios do grande teórico e propagandista do marxismo no período pré-revolucionário da Rússia.

Em 1921, reafirmando seu conceito sobre Plekhánov, escreveu Lênin: "Penso que não é demais observar aos jovens membros do Partido que não é possível tornar-se um verdadeiro comunista dotado de consciência de classe, sem estudar — friso estudar — tudo o que Plekhánov escreveu sobre filosofia, pois é o que há de melhor na literatura internacional do marxismo".

A venda nas livrarias. 2ª edição. Preço Cr\$ 750,00. Pedidos à EDITORIAL VITÓRIA LTDA. Rua Juan Pablo Duarte 50-sobrado. Telefone 22-1513. Caixa Postal 165 ZC-00. Rio de Janeiro: Guanabara. Atende-se pelo reembolso postal. Envia-se catálogo, a pedido.



## A VERDADE DOS NÚMEROS

O Departamento Estatístico do Secretariado da ONU acaba de publicar um informe, sob o título "O crescimento da indústria mundial, 1938-1961". Revela o documento que a produção industrial nos países socialistas aumentou num ritmo muito maior que a de todos os demais países. No período compreendido entre 1950 e 1961, a velocidade do crescimento da produção industrial na União Soviética e nos países socialistas da Europa Oriental chegou a atingir a média anual de 11,7%, sensivelmente mais elevada que a dos países capitalistas.

## TIPOS PLÁSTICOS

Um grupo de especialistas do Instituto Poligráfico de Cluj, cidade a noroeste da Rumania, acaba de elaborar tipos de material plástico para cartazes e publicações comerciais. Os tipos — fabricados com poliamida termoplástica — são mais resistentes ao desgaste que as letras de chumbo. Enquanto estas suportam uma tiragem de 60 a 70 mil exemplares, os tipos plásticos resistem a um milhão de exemplares.

## LUA IDA-E-VOLTA

Os trabalhadores do Instituto de Física da Academia de Ciências da URSS e do Observatório Astronômico da Crimeia, fizeram uma interessante experiência. No foco de um telescópio de 2,5 metros, instalaram um gerador que enviava a Lua um potente feixe luminoso. Depois de ser refletido em uma pequena zona da parte não iluminada da Lua esse feixe, já muito débil, foi captado pelo telescópio de 2,6 metros e registrado com ajuda de um receptor de luz. Embora fosse débil o reflexo do raio luminoso, a experiência foi repetida várias vezes, tendo-se obtido um resultado completamente seguro. Essas experiências, segundo o diretor do Observatório, permitem determinar com grande exatidão a distância da Terra até várias partes da superfície lunar.



## BOAS COLHEITAS

Os resultados da agricultura tchecoslovaca serão, neste ano, melhores que nos anteriores. Apesar do rigoroso inverno e das secas do verão, o plano de produção agrícola será cumprido. Serão colhidos, em 1963, 9% mais de cereais, e haverá um aumento de 25% na produção de batatas e 30% de beterraba açucareira. Lúpulo, além de mais 100 milhões de ovos. Também a produção de leite se elevará em 20 milhões de litros em comparação com o ano passado. Foram inventados, em 1963, novos tipos de máquinas agrícolas, cerca de 6,5 bilhões de coronas, das quais 2,3 bilhões foram destinados à compra de máquinas.

## NOVA PATRICE LUMUMBA

Foi iniciada em Moscou a construção de um novo grupo de edifícios da Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba. Os arquitetos e engenheiros soviéticos projetaram um conjunto imponente: ali viverão, estudarão e repousarão 4.200 pessoas. Todos os edifícios e pavilhões de estudo, salas esportivas e a clínica foram projetados sob o lema da funcionalidade: "Máxima comodidade, simplicidade e utilidade."

## EXPORTA FÁBRICAS

Nos últimos anos, a Polónia intensificou a exportação de equipamentos completos para fábricas da indústria química. Atualmente, constrói 22 estabelecimentos químicos no exterior. Com a exportação a realizar-se no próximo quinquênio (1966/70), terá a Polónia vendido mais de cem fábricas desse tipo a 52 países do mundo. Nos anos de 1964 a 1970, será iniciada a construção de 50 fábricas de ácido sulfúrico para a Jugoslávia, Hungria, Grécia, Brasil, Tunísia, México e União Soviética. Também estão sendo elaborados os planos para a montagem de fábricas de soda cáustica, para a Turquia, Brasil, Argentina, Marrocos e Índia, num total de 10 empresas, cada uma delas equipada com instalações de mais de 10 mil toneladas.

## SHAKESPEARE NA RUMANIA

A Rumania preparase para comemorar o 400º aniversário de nascimento de William Shakespeare. As editoriais do país prepararam livros dedicados ao grande dramaturgo inglês. Sabe-se que, nos últimos anos, apareceram na Rumania mais de 600 mil exemplares da obra do autor de "Otelio". Todos os teatros do país apresentarão peças de Shakespeare, e serão realizadas conferências, exposições e outras iniciativas de caráter artístico.

## LIVROS TÉCNICOS

Inicia-se na Bulgária a década de divulgação do livro técnico. O grande acontecimento cultural tem por objetivo aumentar o interesse público por essas obras, popularizá-las de maneira mais ampla e assegurar sua difusão em massa. Serão organizadas conferências científicas e técnicas, exposições de livros, etc. Acha-se a Bulgária, hoje, muito mais adiantada no domínio da literatura técnica. No ano passado, foram editados 530 livros, com uma tiragem global de 1.800.000 volumes, enquanto em 1939 surgiram apenas 50 obras, com um total de 72 mil exemplares. Atualmente, são também editados no país 200 revistas técnicas, com mais de 1.850.000 exemplares.

A 23, 24 e 27 de novembro de 1935 foi desencadeado em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro o movimento armado da Aliança Nacional Libertadora. Desde então decorreram 28 anos. Nesse espaço de tempo, novas gerações de revolucionários prosseguiram lutando pelos mesmos ideais de libertação nacional com que sonhavam os heróis de 1935.

A luta pela emancipação nacional, em que continuamos empenhados, jamais deixou de encontrar, nesse período, tenaz resistência da reação. Por isso mesmo, tem sido intenso o trabalho dos que visam à falsificação e ao desvirtuamento do significado do movimento armado de 1935. Calúnias, mentiras, montanhas de acusações, são atiradas todos os anos contra os revolucionários da Aliança Nacional Libertadora.

Tornou-se praxe realizar a passagem de cada 27 de novembro uma série de cerimônias militares e religiosas para verberar e lan-

## UMA BOA EXPERIENCIA

A exemplo do ano passado, PPS (Problemas da Paz e do Socialismo), revista teórica de estudos marxistas e de Informação Internacional, iniciou em outubro p.p. a subscrição de assinaturas para 1964. Se você pretende ser bem informado e esclarecido do ponto de vista marxista sobre as transformações do mundo moderno, peça sua assinatura até o fim do ano, beneficiando-se das seguintes vantagens: assinatura anual Cr\$ 1.600,00, com a bonificação de 10%. Você receberá ainda, juntamente com o número de outubro, novembro e dezembro, e mais um folheto das edições Paz e Socialismo.

Pedidos a H. Cordeiro, rua da Assembleia, 34, sala 304, Rio — Guanabara. Você poderá ser atendido pelo Reembolso.

Nota: Não atendemos mais a pedidos de assinaturas para início em 1963.

## Carlos Marighella

car à execução pública o gesto patriótico dos comunistas e aliancistas.

Esforço tão grande da reação não alcançou, porém, o contrário, a luta patriótica de nosso povo cresceu em intensidade e organização, tendendo para a unidade necessária das forças que combatem o imperialismo e o latifúndio.

Em vez do repúdio à ANL e ao movimento de 35, torna-se mais claro que, hoje, é preciso exatamente iliquidar as causas da espolação e da miséria de nosso povo.

O principal documento do movimento popular da Aliança Nacional Libertadora é o Manifesto de 5 de julho, lançado por Prestes ao povo brasileiro: Neste documento são analisadas as terríveis condições econômicas do Brasil de 1935. Denuncia-se a subordinação ao imperialismo a que chegara o País. A classe operária e o povo, todos os patriotas são chamados à unidade e à luta pela liquidação do domínio e exploração do imperialismo e do latifúndio.

O Manifesto de 5 de julho lança as bases do governo popular nacional-revolucionário.

A Aliança Nacional Libertadora é definida, no documento como "uma frente ampla organizada de frente única nacional". Trata-se de "loda — o mais amplo, de todas as classes oprimidas pelo imperialismo, pelo feudalismo e, por-

tanto, pela ameaça fascista." Para esta frente ou bloco — "crescimento o Manifesto — "precisam vir lódas as pessoas, grupos, correntes, organizações e mesmo partidos políticos, quaisquer que sejam seus programas, sob a única condição de que queiram realmente lutar contra a implantação do fascismo no Brasil, contra o imperialismo e o feudalismo, pelos direitos democráticos."

Vale a pena reter, nos dias de hoje, o histórico Manifesto, reexaminar o seu programa, em que se incluem pontos como estes:

- não pagamento das dívidas externas
- denúncia dos tratados internacionais com o imperialismo
- nacionalização de serviços públicos e das empresas imperialistas
- distribuição das terras aos camponeses (terras tomadas sem indenização aos imperialistas, grandes proprietários mais reacionários e elementos da Igreja que lutem contra a libertação do Brasil e a emancipação de seu povo)
- aumento de salários e salário mínimo
- conquista e garantia das mais amplas liberdades populares
- constituição de um governo popular, orientado somente pelos interesses do povo brasileiro e do qual poderá participar qualquer pessoa na medida da eficiência de sua colaboração.

Os comunistas, através de seu partido, foram os organizadores e dirigentes do glorioso movimento de

ANL e da luta armada de 1935.

Com a ANL conseguimos, pela primeira vez no Brasil, dar sentido prático ao princípio do desenvolvimento da frente única ant imperialista.

Após alguns meses de atividade, a ANL foi fechada pelo governo e, tal como o Partido Comunista, passou à clandestinidade. Recorreu-se, então, à luta armada.

A insurreição militar de 1935 tornou-se possível através da intensa atividade dos comunistas e aliancistas, que prepararam o movimento armado trabalhando nas difíceis condições da vida clandestina.

Apesar da derrota sofrida, os revolucionários e o povo brasileiro aprenderam muito com o levante da ANL. O erro não foi ter pegado em armas. E a tese proposta, Prestes afirmou em 1945:

"Nosso erro naquela época não foi o de empunhar armas contra o fascismo, mas o de não estarmos organicamente a altura dos acontecimentos."

Muitos motivos, por certo, influíram para a ineficiência de nossa preparação. O principal deles, po-

rem, foi não termos sabido incorporar à ANL a massa de milhões de camponeses, sem o que se tornou impossível a aliança operário-camponesa e, sem ela, o fortalecimento da frente única.

Não é demais insistir em que, mesmo nos dias de hoje, o calcinar de Aquiles da revolução brasileira continua sendo o atraso na incorporação maciça do movimento camponês na frente única nacionalista e democrática.

A intensificação do trabalho dos comunistas entre as grandes massas camponesas significará uma mudança na qualidade no atual movimento de massas e terá uma influência decisiva no avanço do movimento revolucionário brasileiro.

Nada, pois, há a temer. Nada nos detém no propósito de organizar e unir as grandes massas.

A reação pode esbravejar e tentar deturpar o sentido do movimento armado de 1935. Será inútil o seu empenho. A vitória do povo brasileiro sobre o imperialismo e o latifúndio e todos os demais inimigos internos da Nação é tão certa como o dia que vem após a noite.

## O DIREITO DE NASCER



O governo norte-americano revelou que nasceu em 1961 no país 126 mil crianças retardadas mentais. Quinze a vinte milhões de americanos vivem em famílias onde, pelo menos, um de seus membros é retardado. Um inquérito realizado em 132 cidades dos Estados Unidos mostrou que perto de 455 mil mães não podem pagar a assistência médica, durante a gestação e após o parto. Uma fonte do Departamento de Saúde indica que, nessas condições, há dez vezes mais probabilidades de que as crianças nascidas sofram de graves deficiências.

## TEMEM A VERDADE

Nos tribunais da República Federal Alemã estão atualmente sendo preparados mais de 800 processos contra pessoas "que são culpadas ou suspeitas de terem tido contatos com a FDGB (Confederação Sindical da República Democrática Alemã), contatos essas que estão proibidos", e que diz o jornal policial "Die Strafe", na Alemanha ocidental. As notícias acrescentam que todos os trabalhadores que residem sob a jurisdição de Bonn e que desejam informar-se das atividades sindicais na RDA estão sujeitos a severos processos. "Frankfurter Botte", jornal que se publica na própria Alemanha ocidental, estranha essas fatos e diz que não se pode esconder ser isto uma prova de fraqueza dos governantes de Bonn.

## NADA DE DIÁLOGO

O professor Joaquim Ruiz Jiménez, ex-ministro de Franco e antigo embaixador espanhol no Vaticano é uma das figuras mais destacadas do catolicismo no país. Fundou uma revista, "Cadenas para o Diálogo" e o primeiro número foi completamente mutilado pela censura franquista. De saída, foram proibidos três artigos, entre os quais o próprio editorial, redigido por Jiménez, e que tratava do problema das recentes greves, e um ensaio do professor Raul Morodo, intitulado "O Novo Diálogo". Foi muita ingenuidade pensar que Franco abandonaria o monólito, depois de tantos anos. Em tempo: as demais matérias da revista sofreram cortes parciais.

## BONN NÃO ESTRANHA

Soldados negros das tropas norte-americanas que ocupam a Alemanha ocidental sofrem os maiores vexames nos quartéis e nas cidades onde estão estacionadas suas unidades. Oficiais racistas perseguem os negros de todas as formas. Há algum tempo, houve um sério conflito provocado pelos racistas, em que estiveram envolvidos mais de 30 soldados. Os de cor negra estão ameaçados de enfrentar um tribunal militar. Os governantes de Bonn têm larga experiência do assunto e estão longe de se mostrar surpresos.

## PRISÃO PREVENTIVA



Um líder sindical da África do Sul relatou em Londres os sofrimentos por que passou nas masmorras da polícia sul-africana. Acusaram-no de dirigir a luta contra as leis que permitem a prisão preventiva por 90 dias, sem processo. Privaram o preso (Leon Levy, presidente do Congresso Sul-Africano dos Sindicatos) de receber, durante semanas, livros ou cigarros, e vários dias ficou sem qualquer alimentação. Queriam que assinasse um papel e delatasse seus companheiros. Negou-se e foi ameaçado de ficar preso durante os 90 dias permitidos pela lei. Seria então posto em liberdade e, na mesma rua da prisão, ao dar alguns passos, seria novamente preso, por mais 90 dias. Durante vários anos, Levy nunca sabia se dormiria em sua casa ou na cadeia. Teve que sair do país e, em Londres, estranhou que a Inglaterra continuasse enviando armas ao governo da África do Sul. Mas no seu país centenas de pessoas estão presas, por 90 dias que duram às vezes vários anos.

## UM HOMEM FORTE

O presidente Charles De Gaulle está manobrando, para continuar no poder. Comentários políticos afirmam que tem este o propósito de reduzir o período presidencial de sete para cinco anos, com o objetivo de facilitar sua reeleição. A próxima eleição presidencial francesa dar-se-á em 1965. Numa excursão política que faz pelas províncias, em setembro, De Gaulle não escondeu seu propósito de continuar no poder. Disse que se sentia fisicamente forte. Válido esse argumento os halirofilistas franceses concorrerão ao próximo pleito.

## AUXÍLIO IANQUE

A polícia equatoriana contratou especialistas norte-americanos para introduzir no país novos métodos de tortura. Uma das vítimas foi o secretário-geral do PC do Equador, Pedro Antonio Sraff, um dos primeiros a servir de cobaia aos torturadores. Ficou cinco dias sem comer e impedido de dormir. Outras dezenas se seguiram. Muitos foram pendurados pelos dedos dos pés, e impiedosamente espancados. O governo está sendo acusado de vários assassinatos, pois inúmeros presos políticos não suportaram as torturas e vieram a falecer.

## RECORDE DE ACIDENTES

Faleceram no ano passado 796 mineiros, na Alemanha ocidental, vítima de acidentes de trabalho. Em 1962, houve no país nada menos que 130.600 acidentes, mais ou menos graves. Nas minas de carvão da RFA há 63 acidentes de trabalho por hora. Entre as 130.600 vítimas, muitos estão hoje paralisados, sofreram amputação de pernas e braços, fraturas do crânio, além de outras enfermidades que, para milhares deles, apresentaram mais miséria e fome.

## EDICÕES PAZ E SOCIALISMO

o que há de mais útil e oportuno nos folhetos

a força do comunismo está em sua unidade	Cr\$ 150,00
e leninismo em ação	Cr\$ 250,00
pela independência nacional	Cr\$ 350,00
a estrutura da classe operária dos países capitalistas	Cr\$ 450,00
problemas da frente única ant imperialista	Cr\$ 350,00
rumo a novas vitórias do movimento comunista mundial (N. S. Kruschlov)	Cr\$ 125,00

Em espanhol e francês \* Atende-se pelo reembolso \* Pedidos e valores em nome de H. Cordeiro, Rua da Assembleia 34, salas 204 e 304, rio — gb

## Excepcional oportunidade! II Exposição do Livro Soviético

Período: até 15-12-1963

Temos a satisfação de informar aos nossos amigos e clientes que já se acha aberta a II EXPOSIÇÃO DO LIVRO SOVIÉTICO. Durante esta exposição oferecemos 30% de desconto em todos os livros soviéticos e 10% nas assinaturas de revistas.

Albuns e livros de Arte para presentes do fim de ano! Visite-nos ou escreva-nos sem demora! Tome conhecimento pessoal das fabulosas vantagens que oferecemos na venda de todo nosso vasto e variadíssimo "stock".

AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL  
Rua 18 de Novembro, 328 — 2.º — 1/209  
SAO PAULO

# Jugoslávia Comemora Data Nacional Com Vitórias na Edificação do Socialismo

Há 20 anos, ainda durante a guerra, na pequena cidade de Jajce, situada no centro do país, o Conselho Antifascista de Libertação Nacional, órgão supremo da revolução libertadora, adotou em plena guerra, e no território já livre do inimigo nazista, o princípio federativo de organização do Estado, e constituiu o primeiro governo provisório da nova Jugoslávia. Dois anos mais tarde, no mesmo dia 29 de novembro de 1945, a Assembleia Constituinte jugoslava proclamava a República.

Vinte anos depois daquele dia 29 de novembro, o povo jugoslavo comemora o aniversário do novo Estado em plena construção do socialismo, conquistando grandes êxitos na edificação da nova sociedade e transformando o velho país subdesenvolvido e dependente em potência industrial e agrícola.

## O Progresso

Em 1962, órgãos oficiais das Nações Unidas anunciaram que a Jugoslávia se colocara no mesmo nível dos países com o volume máximo de incremento da

produção. Os dados inerentes à produção industrial, publicados recentemente pelas mesmas fontes, mostram que nos últimos sete anos a Jugoslávia registrou o maior índice de incremento da produção no mundo, alcançando a taxa dos 177%.

A Jugoslávia era um país de agricultores, uma vez que três quartos de sua população vivia do campo, no período anterior à guerra. Nada mais era, entretanto, do que um país muito atrasado, conhecido no mundo por suas belezas naturais, apreciado pelas reservas de matérias-primas de que dispunha, agradável pela hospitalidade e a cordialidade de sua gente. Isso era quase tudo. Desconhecias-se o moderno cultivo da terra. A renda nacional registrava uma média de 100 dólares "per capita", extremamente baixa para as condições europeias.

Quando se considera tudo o que acima foi dito, não é difícil compreender porque começou a se desenvolver em seu solo, quase imediatamente, a revolução técnica e social, após ter terminado a luta pela liberta-

ção nacional. Iniciou-se, a um ritmo muito rápido, um verdadeiro êxodo da gente do campo. Pequenas localidades convertiam-se em cidades. A tendência a incrementar a indústria mais importante, a base, surgiu como a verdadeira oposição à exploração dos recursos e riquezas naturais da Jugoslávia que há muitos séculos era levada a cabo por parte de outros países. Isto é pelos países industrialmente desenvolvidos na Europa. Os jugoslavos queriam, antes de tudo, ter em sua indústria uma base poderosa da qual surgiria tudo o mais.

A custa de muitas privações e esforços a Jugoslávia conseguiu erguer no curto período de 15 anos, sua modesta base material, ademais arrasada pelas destruições bélicas, colocando-a ao nível dos países europeus medianamente desenvolvidos. Durante esses anos, o produto social total aumentou em 24 e a renda nacional em 2,3 vezes. O volume físico de toda a economia aumentou no período 1947-1961 em 5,7 vezes.

Tal ritmo de desenvolvimento do país ocasionou,

naturalmente, sensíveis mudanças na estrutura da população e em sua maneira de viver. Somente no setor industrial o número de ocupados aumentou de 300.000 para 1.153.000 pessoas. Reduziu-se drasticamente o número de pessoas que se deixavam ficar em sua terra. Hoje em dia, somente cerca de 50% da população ativa vive da atividade agrícola. Os demais ocuparam seus postos na economia e na administração pública, não mais querendo viver da mesma maneira que seus antepassados.

Tudo isso teve também, naturalmente, desvantagens e inconvenientes. O ritmo de expansão econômica não pôde ser acompanhado pelo correspondente melhora do nível das condições de vida da população. Embora tivesse sido triplicada a renda nacional por habitante — de 100 para 300 dólares — não puderam, contudo, ser plenamente resolvidos muitos problemas relativos ao padrão de vida e às crescentes exigências, resultantes da transformação de vida. Assim é que, por exemplo, o problema da moradia continua afetando os cidadãos jugoslavos, apesar de aumentar constantemente o volume da construção de moradias — de 30.000 a 100.000 por ano. Em sua maioria, as cidades jugoslavias surgiram sem prévias concepções urbanísticas e, num grande número de delas, sente-se hoje em dia a falta das indispensáveis instalações comunais.

## Agricultura

As maiores consequências negativas se registraram, no entanto, no setor agrícola. A agricultura não ocupou o posto que lhe correspondia no incremento geral da indústria. Não obstante se ter lançado mão, no campo jugoslavo, paralelamente às importantes transformações na indústria, de várias formas de associações de camponeses e da criação de poderosas granjas agrícolas, esse processo evoluiu, de maneira bastante improvisada. E o resultado foi, naturalmente, insatisfatório: no progresso geral e dinâmico da



Siderúrgica de Zenica: símbolo do progresso

# O Reforçamento do Latifúndio à Luz do Censo de 1960

**TAPAS** — pode ser visto

Jacó Góes

O Serviço Nacional de Recenseamento vem de dar a público o Censo Agrícola, onde foram reunidos os dados globais correspondentes ao ano de 1960, comparados aos de 1950. Tornou-se possível, assim, socializar alguns aspectos fundamentais da agricultura brasileira, no seu desenvolvimento recente, apesar das limitações da Síntese e das falhas que seus dados certamente contém, por motivo das deficiências da execução do último Censo.

**QUADRO I**  
Estabelecimentos de 500 hectares e mais

Ano	Número	% do total	Área (em mil ha)	% do total
1950	69 728	3,4	144 252	62,1
1960	73 737	2,2	154 033	58,0

**QUADRO II**  
Estabelecimentos de menos de 10 hectares

Ano	Número	% do total	Área (em mil ha)	% do total
1950	710 934	34,4	1 704	1,3
1960	1 499 545	44,8	3 960	2,3

O Quadro I nos mostra que, de 1950 a 1960, os latifundiários (assim consideramos todos os estabelecimentos de 500 hectares para cima) aumentaram de número em 4011 unidades e expandiram sua área global em 9,8 milhões de hectares, ou seja, em 6,7%. Ao mesmo tempo, os estabelecimentos se concentraram tanto por que passaram a representar percentagem menor no cômputo total de estabelecimentos, como porque a sua área média, por unidade, se elevou de 2089 hectares para 2089 hectares. Tudo isto conduziu a conclusão a respeito do reforçamento do latifúndio, conclusão que não é refutada pelo fato de que a proporção da área correspondente às grandes unidades fundiárias tenha sofrido, com relação à área total apropriada no Brasil, o decréscimo de 4%, passando de 62% para 58%.

O grau exato de concentração da propriedade da terra é, aliás, impossível de conhecer através dos dados do Censo, uma vez que estes não revelam o número de estabelecimentos pertencentes a um só proprietário ou a uma só família. Se fosse possível obter dados completos a este respeito, ficaria demonstrado que a concentração latifundiária se encontra num grau muito mais avançado do que transparece através dos números censitários.

Não cabe, neste artigo, examinar em detalhes, por região e Estado, o fenômeno do reforçamento do latifúndio. Há alguns Estados em que se verificou certo fraçãoamento das grandes propriedades, como é o caso do Paraná, em que os estabelecimentos de mais de dez mil hectares reduziram sua área em cerca da metade, verificando-se, no entanto, a expansão da área dos estabelecimentos situados na faixa dos 500 a 1000 hectares. Esta tendência foi contida, parcial e não afetou a estrutura latifundiária. De modo geral o latifúndio encontrou maior margem de expansão nas regiões Norte e Centro-Oeste onde o índice de ocupação da terra ainda é baixo (aqui nos referimos às regiões fisiográficas, segundo o critério estabelecido pelo IBGE). Entretanto, mesmo na região Sul, os estabelecimentos de 1000 hectares para cima ganharam novos 270 000 hectares. Em São Paulo, o Estado o mais industrializado, mais capitalista, e, além disso, já em 1950, com elevado índice de terra apropriada, os estabelecimentos de 500 hectares para cima ganharam novos 181 000 hectares, dos quais a metade coube aos estabelecimentos de 10 000 hectares para cima. Com a industrialização ou a expansão da agricultura, apesar de que o latifúndio continuou a avançar em São Paulo, indiferente à "revolução agrária" do ar. Carvalho Pinto, no Rio Grande do Sul, não havia, em 1950, estabelecimentos de cem mil hectares para cima, mas em 1960, foram registradas quatro dessas unidades, que, em conjunto, abrangiam 572 000 hectares!

Vejamos, agora, o Quadro II. A década passada assistiu o aumento de 110,9% do número de estabelecimentos de menos de 10 hectares, que podem ser caracterizados, em geral, nas condições brasileiras, como minifúndio, isto é, como ateliados, sendo ex-cedias especiais, do nível exigido miserável de um hectare e meio de família camponesa. O aumento do número total de estabelecimentos, entre 1950 e 1960, e o aumento da concentração da propriedade da terra, não nos permitem concluir que tal aumento não signifique, no fundamental, uma alteração progressiva da estrutura agrícola do País. Em 1960, cerca de 45% do total de estabelecimentos já eram do gênero minifundiário. Ao mesmo tempo, a sua área média, por unidade, diminuía, no último decênio, de 4,2 para 3,9 hectares (aversamente do que ocorreu com a área média dos latifúndios).

Torna-se evidente, pois, que a reforma agrária racional interessa não só aos milhares de trabalhadores rurais totalmente desprovidos de terra, como a esse milhão e meio de famílias camponesas, que não dispõem sequer de 10 hectares para cultivar. Também há milhares de famílias, cujas experiências se encontram na faixa de 10 a 20 hectares. A grosso modo, podemos incluir esses dois milhões de famílias camponesas nas categorias de camponeses pobres e de semipropriários rurais. A propagação da reforma agrária não pode deixar de se voltar intensamente para tão grande massa de pequenos e muito pequenos proprietários, cuja necessidade de terra continua a crescer tão aguda quanto a dos camponeses não proprietários.

Concentração latifundiária e proliferação do minifúndio são processos antagônicos intimamente vinculados. Este antagonismo se manifesta, por exemplo, no aproveitamento da área disponível. Em 1950, os estabelecimentos de 500 hectares para cima cultivavam 20,4% da área total de lavoura; em 1960, esta percentagem caiu para 18,6%. Já os estabelecimentos de menos de 10 hectares, no mesmo período, aumentavam sua área cultivada, com relação à área cultivada total, de 8,9% para 13,3%. Assim, portanto, apesar de ocupar perto de dois terços da área apropriada, o latifúndio não chega a lavar um quinto de toda a área de lavoura no Brasil. Os latifúndios de dez mil hectares para cima, que ocupam um quinto da área apropriada, não cultivam mais do que 1,5% da área total de lavoura!

Este argumento é suficiente para demonstrar o parasitismo, o caráter criminosamente anti-social da grande propriedade territorial, que constitui o maior entrave ao desenvolvimento das forças produtivas na agricultura e a principal responsável pela miséria em que vegetam as massas camponesas.

O reforçamento do monopólio latifundiário, num período em que houve tão considerável desenvolvimento capitalista, desmente, sem apelação, a tese da transformação espontânea da estrutura agrária em nosso País. Um dos pregadores da mencionada tese tem sido o economista Ignácio Rangel, o qual, há dois anos e meio, fundamentou em argumentação imaginosa, proclamava "de-linear-se" o "paradigma" da marcha para a mudança espontânea da estrutura agrária (v. Última Hora, 24 de abril de 1961). Não faz muito, fiel às construções teóricas e infiel à realidade, afirmava que a industrialização "... está des-

montando o latifúndio, peça por peça, inclusive quando parece fazer o contrário" (v. Tempo Brasileiro, n. 4-5, junho-setembro de 1963). Este "inclusive quando parece fazer o contrário" se assemelha àquele estribilho da veia canção francesa, que comentava as usúrias dos judeus: "Tout va tres bien, madame le marquis...". Tudo vai muito bem, senhora marquês! Pois, na verdade, segundo tal engenhosa teoria, não há por que preocupar-se: o latifúndio atenua a sua voracidade e o seu parasitismo; isso vai muito bem, uma vez que, por misterioso processo e pontuário, o latifúndio está se abandonando ou vai se abandonando ou vai se abandonando.

Recordamos, aliás, que o sr. Inácio Rangel foi um dos elaboradores do projeto apresentado ao Congresso pelo senador Milton Carneiro e que meteu o apoio dos senhores mais retrógrados de proprietários de terra. E o que cumpre chamar de harmonia entre a teoria e a prática... Por felicidade, mas a s...

crecentes de camponeses estão entendendo as coisas de modo bem diverso. Ou seja, estão entendendo que não há por que esperar reformas agrárias espontâneas ou votadas pelo Congresso. A reforma agrária radical, correspondente aos interesses dos camponeses e de todo o povo brasileiro, virá da ação organizada de baixo, da ação das próprias massas camponesas, sob a direção revolucionária consequente da classe operária. Esta ação das massas precederá e determinará a institucionalização jurídica da reforma agrária. Esta ação é que, de fato, desmontará o latifúndio peça por peça.

NOTA — Atendemos a sugestão de um companheiro de Minas Gerais, informando que o alqueire mineiro e fluminense corresponde a 4,84 hectares; o alqueire paulista corresponde a 2,42 hectares. Nos Estados do Norte, o alqueire corresponde a 2,72 hectares. Os dados oficiais são sempre apresentados em hectares, variando a sua conversão em alqueires conforme a região do País.

**Saragat**  
O Globo de 13 de novembro criticou asperamente o socialista de direita Giuseppe Saragat, porque, depois de voltar ao Brasil, aquele político italiano achou de covardizar na Europa que o nosso país se encontra em fase de um impasse; ou faz as reformas de base ou caminha para uma revolução.

**Marinho**  
Falando no rádio, o diretor do jornal acima referido, Roberto Marinho, bateu derramando no peito e derramando algumas lágrimas de crocodilo, fazendo a sua demagogia paterna: "Um caso na família de qualquer trabalhador de O Geir".

**Geir**  
O colunista literário Geir Campos, em sua coluna de Última Hora (13 de novembro), referiu-se ao escritor norte-americano John dos Passos como "o autor de O Tocado de Ferro".

**Ibrahim**  
Em briga com o ministério da Aeronáutica, o colunista Ibrahim Sued, a ignorância que mais fatura no Brasil) saiu-se com es-

**Globo** preocupa-nos tanto como se fosse um caso na nossa própria família". Um trabalhador de O Globo, ouvindo tais palavras, concluiu: "Quer dizer que o homem não dá bola pra família".

Se o Geir não ficar aborrecido comigo, vou contar a ele um segredo: o autor de O Tocado de Ferro é Jack London.

Se o Geir não ficar aborrecido comigo, vou contar a ele um segredo: o autor de O Tocado de Ferro é Jack London.

Como se já não tivéssemos escolhido...

**Cabeleiros**  
Gastão René Friedmann, no Jornal de Brasil de 17 de novembro, lança a idéia da criação do "dia do cabeleireiro", tal como já existe o "dia do mestre", o "dia do papel" e, sobretudo, o "dia das mães".

A primeira adesão prevista para a campanha em prol da criação do "dia do cabeleireiro" é a do deputado Mendes de Moraes, cuja maior preocupação, depois do comunismo, é a de ver um dia a recorrer aos préstimos de um cabeleireiro.

**Lebato**  
Mário Martins comentou, também no Jornal de Brasil, a existência de uma campanha que a burrice organizada move no país contra a literatura infantil de Monteiro Lobato, cujos livros, no entender do sr. Domingos Paschoal Cegalla,

**Julz**  
O Julz de direito de Passa Quatro, em Minas Gerais, sr. A. Levenhagem, "aloprou", como se diz na gíria, e fez um longo e dramático despacho, comunicando ao cartório que não julgara qualquer processo enquanto não tiver dinheiro para pagar as contas de armazém, açougue, padaria, farmácia e colégio para seus filhos.

**Sofia**  
A belíssima atriz Sofia Loren está com um grave problema para resolver. Segundo a revista Fatos & Fotos, Sofia quer ter um filho, mas parece que está tendo certas dificuldades biológicas, que os médicos italianos ainda não conseguiram resolver.

**Editorial Vhória**  
Últimos lançamentos da Editorial Vhória

de irreflexidade". Não há de ser nada, Monteiro Lobato é um gênio. E o sinal mais seguro para identificar um gênio, como ensinava Swift, é que todos os imbecis se lhe atrevessem no caminho.

Além de receber vencimentos bastante míngua para o sustento da sua numerosa família, o Julz mineiro não os vinha recebendo em dia. Com a devida vênia, é fogo na roupa (ou na toga?).

Um grupo de jovens médicos brasileiros, no interesse da ciência, está disposto a viajar para a Itália para oferecer seus préstimos à Sofia Loren, a fim de que ela engendre finalmente uma criança.

Mas o Carlo Ponti quer saber, antes, em que consistiria exatamente os tais préstimos.

## ESTUDOS SOCIAIS Nas Bancas

O número 18 de Estudos Sociais, referente ao mês de novembro deste ano acaba de sair, publicando os seguintes artigos: João Almeida: Relação de trocas e desenvolvimento externo. Orlando Valverde: Reorganização da reforma agrária. Moisés Vainias: Aspectos da vida e da obra de Rui Falcão. Carlos Nelson Coutinho: Do existencialismo à dialética — a trajetória de Sartre. Jacob Góes: Direções da luta pela democracia em nosso tempo.

Partido Comunista Italiano: Os marxistas e a renovação da cultura italiana. Documentos do Movimento Operário: Um relatório datado de 1913.

**AGORA, COM 30% DE DESCONTO!**

**LIVROS SOVIÉTICOS**  
NOVIDADES EM ESPANHOL

OBRAS DE KRUSCHOV: SOCIALISMO E COMUNISMO. Um mais importantes questões teóricas e práticas. 190 págs. fr. .... 200

SOBRE O MOVIMENTO COMUNISTA E OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO. Problemas fundamentais. Luta de classes nos países capitalistas. Questões teóricas. 126 págs. fr. .... 130

SOBRE O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. Problemas fundamentais. Os caminhos de cada país. Problemas da Ásia, África e América Latina. 95 págs. fr. .... 100

CONJURAR A GUERRA E A TAREFA FUNDAMENTAL. A atual correlação de forças mundial, a coexistência pacífica etc. 192 págs. fr. .... 200

O IMPERIALISMO, O INÍMIGO DOS POVOS, INÍMIGO DA PAZ. Profunda análise marxista-leninista. 128 págs. fr. .... 130

COLEÇÃO: 5 volumes 700

**OUTRAS NOVIDADES**

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. de G. Deboran. Ensaio político-militar. 370 págs. Enc. .... 1100

SOBRE A EDUCAÇÃO COMUNISTA. de N. Krupskaya. 228 págs. fr. .... 440

COMO FOI LIQUIDADO O ANABETISMO NA URSS. P. Zinoviev. .... 220

OBRAS ESCOLHIDAS DE LENIN: Vol. I. 912 págs. Enc. 1.500

Vol. II. 850 págs. Enc. 1.500

ECONOMIA POLITICA. de P. Nikitin. 430 págs. Enc. .... 850

CARTAS SEM DIREÇÃO. A ARTE E A VIDA SOCIAL. de P. Medvedev. Encadernado .... 600

Publidos à AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL — Rua 15 de Novembro, 228 — 2º andar — sala 209 — SAO PAULO

Atendemos pelo Reembolso Postal.



**Acaba de sair**

**Declaração do Governo Soviético**  
(folheto)

(Resposta à declaração do governo chinês de 1º de setembro de 1963)

Preço — Cr\$ 30,00

A venda pelos distribuidores de NOVOS RUMOS em todo o País.

Pedidos pelo reembolso postal (para 5 ou mais exs.): EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Rua Leandro Martins, 74 — 1º and. Rio de Janeiro — GB (ZC-05)

**nr romance**

**Um Dia na Vida de Ivã Denissovitch**  
Alexandr Soljenitsin  
Tradução de B. Albuquerque

Durante esta contagem da tarde, ao regressar ao campo, é quando o preso está mais frio e mais faminto em todo o dia e a concha de sopa quente é agora para ele o mesmo que o orvalho para a terra seca. Serve-o em um instante. Essa concha tem agora para ele mais valor do que a liberdade, mais valor do que toda a vida anterior e toda a vida futura.

An cruzar o portão do campo, os reclusos parecem guerreiros que vultassem de alguma campanha, ruídos, alvoroçados, impetuosos...

— O cretino do barracão do estado-maior deve até dar mélo ver entrar essa torrente de prisioneiros.

A partir desta contagem é que, pela primeira vez desde que tocam para formar as seis e meia da manhã, o preso pode considerar-se dono de sua pessoa. Passa o portão grande da zona de segurança, depois o que dá acesso ao próprio campo e já pode ir cada um para onde quer.

Melhor dito, nem todos porque uma voz grita: — Os chefes de equipe ao "pé-pê-tê". Shukhov dirigiu-se pressuroso, pela frente do BUR e por entre os barracões para a seção de embrulhos. Quanto a César, pôde-se andar muito digno, sem acelerar o passo, para o lugar onde um tropel formigava em volta de um poste; em uma tábua pregada nele tinham sido escritos a lápis-tinta os nomes de todos os que tinham encomendas naquele dia.

No campo o menos que se usa para escrever é papel. Escreve-se principalmente em tábuas. É mais resistente. Os manidões e os capatazes ganham assim às custas dos homens. Na manhã seguinte basta apagar a tábua e voltar a escrever. Economia de tinta!

Os que ficam na zona aproveitavam-se disso: lêem na tábua o nome de alguém que tenha encomenda e vão esperar quando volta, dizendo-lhe o número que tem. Na pior das hipóteses, sempre arrancam, com isso, um cigarro.

Shukhov chegou até a seção de encomendas, que é uma construção acrescentada a um barracão, com um saguão pedregoso. O saguão não tem porta externa, de forma que o frio entra ali à vontade; de qualquer jeito sempre se sente ali, mais ensabado, ainda que só por ter tido.

A fila dos que esperam contorna a parede do saguão. Shukhov toma a vez. Haverá uma quinze minutos à frente. Isso é mais do que uma hora. Justamente até o toque de recolher. Os da estufa da central que foram ver a lista terão que se por atrás de Shukhov. E os mecânicos também. Provavelmente terão que vir amanhã pela manhã, outra vez.

Os que estão na fila trazem pequenas coisas de comida e saquinhos. Dentro (segundo Shukhov ouviu contar, porque ele ainda não recebeu nenhum pacote nesse campo) abrem o caixote em que vem a encomenda com uma machadinha e um zelador tira tudo de dentro e o revira. Algumas coisas, ele corta, outra parte, uma, apalpa ou retira do pacote em que vem. Se é algo líquido abre os vidros ou as latas e os esvazia. Se é algo que se arranje para lavar: nas mãos ou enfiando uma tábua, como quiser. Mas não dá os vidros. Tem medo. Se são coisas de quem se opõe! Logo passa a reclamar que tal coisa está pedregosa, que esta outra não pode passar... A começar pelo zelador, quem recebe uma encomenda tem que molhar a mão de um monte de gente. E quando terminam de inspecionar o pacote, tampouco devolvem o caixote. Ora! Enfia isso na bolsa de couro ou então leva na farda do casaco se quiseres e fora daí!

Outro! As vezes, afofiam de tal forma o sujeito que este acaba esquecendo alguma coisa em cima do balcão. Já pode considerá-la perdida. Mesmo que volte, não a encontra.

Quando ainda se achava em Ust-Ijma, Shukhov recebeu um par de encomendas. Mas ele mesmo escreveu à sua mulher para que não privasse as crianças por sua causa, pois aquilo era inútil. Mesmo estando livre dava mesmo trabalho a Shukhov manter toda a família do que se manter ali sozinho, sentia o sacrifício que aquelas encomendas exigiam e que não era possível passar

dez anos sangrando, assim, a família. Porquanto mais valia passar sem elas.

Mesmo que fosse assim que tivesse decidido, sempre que alguém da equipe ou do barracão ali perto (quer dizer, quase diariamente) recebia uma encomenda sentia que o pacote não fosse para ele. Apesar de ter proibido a mulher, terminantemente, a não lhe enviar nada, nem mesmo para a Páscua, e de que nunca ia ao posto onde se ficava a lista, como não tivesse para algum recuso dos vivos, abrigava a reconidia esperança de que alguém acorresse a ajudar.

— Shukhov? Que esperas, homem? Tens encomenda? Mas ninguém vinha...

Cada vez mais à frente, assim, menos motivos para lembrar a adeida de Yankovitch e sua casa... A vida do campo mantinha em tensão desde o toque de alvorada até o de recolher, sem lhe deixar tempo para as recordações.

Agora, fazendo fila entre os que acorriavam em seu fôro íntimo a inerte esperança de entrar os dentes no tocinho, de passar mantiga no pé ou de por açúcar na xícara, Shukhov experimentava um tino de desejo: chegar a tempo para entrar no refeitório com toda a equipe e tomar a sopa quente não fria. Fria não valia nem a metade da quente.

Calculava que se César não figurasse na lista, já estaria há tempo no barracão, lavando-se. Mas se figurava na lista, anadia agora recolhendo os saquinhos, as vasilhas de plástico e outras. Para isso Shukhov prometia esperar dez minutos.

Ali, na fila, informando Shukhov de que tampouco iriam ter domingo naquela semana de que outra vez lhes surripiavam quando só tinham meias cinco domingos, deixam descansar três e obrigam a trabalhar os dois restantes. Embora esperasse que acontecesse isso, sentiu um solavanco quando soube. Claro! Como não sentir a perda de um domingo que lhe pertence? Também tem razão os da fila, quando dizem que inventam sempre algo para fazer força nos domingos no campo: é alargar o banheiro, é levantar uma parede para fechar um passagem, é limpar o pátio. E, se não, trocar a serragem dos colchões ou sacudir as esteiras ou colocar inseticida nos beliches. Ou verificar o fichário. Ou o inventário: sair para o pátio com tudo o que se tem e ali perder meio dia.

Pelo que parece, o que mais os irrita é ver os presos dormindo, depois do desjejum. Embora lentamente, a fila ia avançando. Sem esperar vez nem perguntar nada a ninguém,

esplurando quem estava na frente, entraram um barbeiro, um contador e outro da seção cultural. Mas esses não eram simples reclusos, mas vagabundos de primeira, esses tipos astutos que não saíram para trabalhar fora do campo, quando todos consideravam na mesma pessoa. Mas era inútil discutir com eles, os vagabundos estão todos unidos entre si com os zeladores também.

Na frente de Shukhov restariam uns dez homens, mais sete que se tinham juntado atrás, quando pelo barracão da porta entrou César, inclinando-se, com o gorro novo, de pele, recebido de fora. (Ali estava, esse gorro mesmo; alguém César subornara para que o autorizassem a usar um gorro novo, limpo, como os que se usam na cidade. Aos outros, em compensação, inclusive os velhos gorros da guerra lhes tinham tirado, obrigando-os a usar os do campo, que eram uma porcaria).

César dirigiu um sorriso a Shukhov, e em seguida rumou para um tipo estranho, de olhos, que há um jornal enquanto chegava sua vez:

— Ah! Piotr Mikhaillitch!

E dois mostraram suas varas de contentamento.

— Veja — disse o tipo estranho — tenho aqui uma Fechtenshtet. Mostra recente. Enviaram para pelo correio.

— Verdade! — E também César possui a ler avidamente o mesmo jornal. Como poderiam distinguir as letras tão pequenas à luz de uma lâmpada fraca colada ao teto?

— Traz uma crítica interessantíssima a uma obra de Zavadski!

Acontece com estes moscovitas o mesmo que com cachorros: logo se reconhecem. Quando se juntam dois, não vêem o momento de separar-se. E se põem a falar numa velocidade vertiginosa, como se quisessem ver quem pronuncia mais palavras. Quando falamos assim, raras são as palavras russas que se pode captar. Tanto faz ouvi-las como os léguas ou os romenos.

— Bem, pois não... César Markovitch... — sussurra Shukhov.

— Já vou, não seia... César Markovitch... — sussurra Shukhov.

— Naturalmente, naturalmente — aprova César, erguendo do jornal os seus bigodes negros. — Atrás de quem estão, vamos ver? Quem está atrás de mim?

Shukhov explica-lhe bem onde lhe guardou o lugar e, sem esperar que César se lembre da janita perguntada-lhe:



# Usiminas: Escravidão e Violência

Reportagem de Élio Parmigliani,  
enviado especial de NR

Usiminas, 7 de outubro: o tenente Jurandir, comandante do posto policial de Ipatinga, fez um giro com o braço sobre a cabeça. Este gesto foi suficiente para que seus comandados atirassem contra quatro mil operários. A fuzilaria durou alguns segundos; três metralhadoras fizeram fogo cruzado sobre a massa indefesa, enquanto os policiais armados de fuzis escolhiam seus alvos entre os operários.



Depois do Massacre

Depois que o caminhão que conduzia os policiais levou-os de volta ao subdistrito, os operários começaram a levantar-se das valas, a sair detrás das proteções improvisadas pelo pânico. No meio daquela massa alucinada, estavam alguns corpos que não se levantaram mais. Mortos, e entre eles uma criança de oito, um cego e um fotógrafo que fixara com sua câmera de amor os últimos instantes da tragédia. Pode-se contar oito mortos no local, enquanto centenas de outros trabalhadores procuravam os hospitais das cidades vizinhas, onde viriam a falecer posteriormente cerca de trinta feridos do massacre. O número de vítimas nos acontecimentos de sete de outubro não pode ser fixado com precisão, pois muitos dos que morreram não tinham família no local e foram sepultados às escondidas, em caixões construídos pela própria Usiminas para que não viessem à tona as verdadeiras proporções da matança. Entretanto, o assassinato de dezenas de trabalhadores foi apenas o cume do regime de violência que determinava as relações entre as empresas do parque siderúrgico do Rio Doce — particularmente a Usiminas — e seus milhares de operários que vivem em favelas lamacentas, com suas famílias à mingua, sofrendo os vexames da guarda interna da empresa, enquanto terminam a construção de uma indústria que virá a ser a maior siderúrgica da América Latina, melhorando a cada dia os negócios de alguns homens e piorando a vida de muitos outros, daqueles que derramaram seu suor e que só podem esperar da Usiminas e das grandes siderúrgicas o dia da aposentadoria ou da demissão.

## Quem Manda

A indústria siderúrgica domina todo o vale do Rio Doce por meio de três grandes usinas: a Belgo-Mineira, a Usiminas e a Acesita. São elas que, usando os mesmos métodos, determinam os rumos das estradas, os nomes dos delegados e até mesmo os prefeitos municipais. Isso sucede porque essas empresas, além de controlarem a grande maioria do elemento humano da região, detêm em suas mãos milhares de hectares de terras, bastando afirmar que a Usiminas ocupa 49 quilômetros quadrados, cedidos pela Belgo-Mineira por uma verdadeira pechincha ao grupo de trabalho que a instalou, reservando-se ainda grandes extensões de terras em todo o Estado de Minas Gerais e até no Espírito Santo.

Tanto a Belgo-Mineira como a Acesita possuem altos fornos alimentados com carvão vegetal, o que faz com que essas duas empresas mantenham verdadeiras populações rurais sob seu jugo, alimentando-se de fubá suado, sendo que a última, relativamente menor que a Belgo-Mineira, possui 98.800 alqueires de terras, área que poucos latifúndios do país chegam a atingir e que a Acesita possui unicamente como reserva florestal onde vivem cerca de dois mil camponeses, trabalhando estritamente na derubada e no plantio da mata, empurradas por uma entidade "beneficente" a Beneficência Popular, que lhes paga 40 cruzeiros por hora de trabalho, equivalentes a oito mil e trezentos cruzeiros por mês, e obrigando-os ainda a trabalhar uma média de dez horas por dia sem poderem ter nem mesmo o direito de plantarem suas roças para o abastecimento da família. A preocupação das siderúrgicas por seus latifúndios é tão grande, que agora todas as empresas do Vale do Rio Doce decidiram organizar um consórcio agropecuário com capital de um bilhão de cruzeiros para controlar o mercado da região, mantendo o mesmo e miserável nível de vida de seus "assalariados", ao mesmo tempo que irão competir com os pequenos agricultores.

## Usiminas

Dentre todas as usinas do Rio Doce, a mais jovem e a que dentro em breve atingirá a maior produção é a Usiminas, que começou a ser instalada em 1959 e já entrou em sua fase de produção, tendo ligado seu primeiro alto forno há poucos meses. Essa indústria, que com seus três fornos virá a ser a maior da América Latina, é formada por capi-

tais mistos nipo-brasileiros, sendo que o governo brasileiro, por meio do BNDE, da Siderúrgica Nacional e do Estado de Minas Gerais, chegou a controlar mais de 50% das ações. O grupo japonês, controlando exatamente 40% dos títulos, está organizado sob o nome de Usiminas Kabushiki Kaisha. Esse grupo nomeia dois dos cinco diretores da empresa e mantém ainda uma grande equipe de técnicos que dirigem virtualmente a usina. Um aspecto da Usiminas japonesa, é que grande parte de seus diretores fazem parte da Yawata Iron Steel, o maior truste siderúrgico do Oriente. E como não poderia deixar de ser, os diretores brasileiros também são elementos conhecidos na política regional, particularmente de outras nefastas administrações. O presidente da Usiminas, engenheiro Amaro Lanari Jr. foi um dos destacados militantes da Câmara dos Quarenta do extinto Partido Integralista, enquanto que o diretor de relações industriais engenheiro Gil Guatimozim, (afastado de suas funções devido às suas implicações no massacre de outubro) é parente do sr. Lanari e foi diretor dos Frigoríficos Minas Gerais S.A. — Frimisa — empresa estatal que se havia lançado contra os trustes da carne e que foi misteriosamente incendiada.

A própria fase de negociações entre japoneses e brasileiros para a construção da Usiminas tem alguns aspectos incrédulos, tais como um investimento que deveria ser realizado pelo Eximbank do Japão no valor de dois bilhões e seiscentos milhões de cruzeiros, e que não foi efetuado pelos banqueiros japoneses sob a alegação de que a inflação não permitia que fossem dadas as garantias suficientes ao capital. O resultado do fracasso desse investimento foi que o BNDE acabou tendo que injetar cerca de 15 bilhões para que as obras não fossem interrompidas.

Nesse rosário de "fatos estranhos" foi construída a Usiminas, com o trabalho de milhares de operários que alijam de todo o Estado de Minas Gerais, do sul da Bahia e até mesmo da Amazônia.

Esse aumento do fluxo populacional no município de Coronel Fabriciano, onde se localiza a empresa, fez com que surgisse uma nova cidade, Ipatinga, que passou a viver quase que exclusivamente do comércio imobiliário e varejista com os trabalhadores da Usiminas. O resultado disso foi o encarecimento do custo de vida. Os aluguéis passaram de 500 para 15 mil cruzeiros em menos de cinco anos, enquanto o preço do metro quadrado de terra na área próxima às indústrias elevou-se em 5.000%. Ao lado desse encarecimento, vieram todos os demais, desde os tecidos até a comida e, paradoxalmente, enquanto sobriam, os aumentos, mais era o número de fofaristas que dirigiam-se à Ipatinga ou Coronel Fabriciano em busca de um lugar na Usiminas ou na Acesita. A última, que já está em plena atividade há alguns anos, só admite novos operários quando despede uma turma de sindicalizados ou líderes dos movimentos reivindicatórios.

As contrário da Acesita, a Usiminas não está concluída e admite operários. Essa admisão, que há alguns anos era feita mediante um rápido exame, foi complicando-se, e sem uma cartilha de algum político influente, atualmente ninguém entra na siderúrgica.

## Escravidos do Século XX

O operário que deslocou-se do sério balano para Ipatinga não conseguiu emprego na Usiminas, o que era seu intento. Não tem mais dinheiro para voltar e também não tem o suficiente para ficar. Esse é o drama de milhares de homens que anualmente vão procurar os diversos centros populacionais do Vale do Rio Doce em busca de empregos, fugindo da seca. Mas, quando eles chegam, emprego não há e a solução é aceitar qualquer tipo de trabalho, vivendo em barracos de madeira que restaram das construções, e no meio da lama. O retornado vai trabalhar numa das firmas que fazem empréstimos para a Usiminas. Seu patrão chama-se A. B. Cavalcanti, conhecido como "seu" Cavalcanti, que chegou a Ipatinga com o suficiente para viver e apoiar possuí terras, imóveis, carros e 2.170 operários. Possui os operários como aos carros e às casas, e tanto os possui que os aluga a Usiminas por um tanto à hora. O trabalhador que veio para Ipatinga em busca de um emprego que significasse o fim de suas andanças pela região está agora escravizado pelo sr. Cavalcanti que o utiliza para empreitadas fantasma e o empresta por um certo número de horas à Usiminas, que aceita de tão bom grado essa operação ilegal. Os diretores do grupo japonês não estão satisfeitos com o número "elevado" de 7 mil operários regularizados na empresa. Adotando esse recurso, a Usiminas tem os empregados mas ao mesmo tempo não os tem, porque pertencem à empreiteira, e por isso economiza as férias, o 13.º mês e ainda exime-se da responsabilidade no que se refere às condições de vida a que são submetidos os "cavalcantis" (nome dado aos empreiteiros).

## Os Ladrões

Quando organizam-se "gangs" como o Cavalcanti para manter a 10 horas do Rio de Janeiro um verdadeiro campo de escravos, é evidente que muita coisa existe por baixo, calcando essa situação. E, assim sucede na Usiminas, onde alguns diretores ganham oito cruzeiros por hora de trabalho de cada escravo do Cavalcanti. Cumpre esclarecer aqui que a direção de uma indústria pode estar enodada por alguns ladrões que a política da empresa será sempre moralizadora. E isso acontece na Usiminas, muita gente nadava em milhões desviados durante a construção enquanto continuava a desaparecer carregamentos inteiros de cimentos, cobre e outros materiais. Quando a situação tornou-se perigosa, os senhores diretores reuniram-se e resolveram acabar com a roubalheira, o que foi fácil, pois bastava que todos os trabalhadores fossem revistados na entrada e na saída, que suas malas fossem examinadas e seus bolsos revirados. Essa foi a medida da direção da empresa para acabar com os roubos de caminhões e outros como o das dez ventanelas de bronze, que pesavam 100 toneladas e foram apreender em São Paulo. Os roubos da Usiminas todos sabem, e lá estão sete mil operários para dizer a quem quiser ouvir, eram roubos oficiais, os caminhões das empreiteiras que levavam carregamentos de cimento e de minérios eram incluídos pesados à saída da fábrica, mas a decisão da diretoria devia ser cumprida, os trabalhadores deviam ser revistados na entrada e na saída, e para efetuar essa operação guarda-patrimônio, o sr. Gil Guatimozim reuniu 285 jagunços, deu-lhes o nome de vigilantes, um revólver e carta branca. Estava declarada na Usiminas a guerra aos trabalhadores. Essa guerra iria estender-se por vários anos, terminando no dia 7 de outubro quando mais de 30 operários perderam a vida e os vigilantes perderam os postos.

## O SS Vigilantes

O vigilante é um tipo comum nas grandes empresas do Rio Doce, e suas histórias são sempre as mesmas, terminando em massacres. A Acesita os tinha, e foi obrigada a demiti-los das funções devido a uma série de assassinatos onde se afirma que estava direta-

mente envolvido um Militário que comandava a SS Interina. Muitos vigilantes da Usiminas eram cgressos da justiça ou da Acesita. Um tal de Braga fora funcionário daquela empresa e foi demitido por volta de 1953 quando os vigilantes da Acesita massacraram uma manifestação de camponeses em T. Ottoni onde a empresa possui vastos campos. Outro, o vigilante Saravia, antes de se tornar mantenedor da ordem na Usiminas fora pistoleiro procurado pela polícia baiana. Foi demitido pela comissão de inquérito que apurou o massacre de outubro, pois naquela jornada trágica os vigilantes desampenham o principal papel para que o morticínio atingisse aquelas proporções.

Durante vários anos os guardas internos comandavam a Usiminas. Eles eram a lei e a ordem, e para mantê-los não só violavam a verdadeira lei, como eliminavam os menores sinais de humanidade em suas ações contra os operários e as populações vizinhas.

Uma característica das cidades do interior são os crianças vendendo doces e engraxando sapatos. Pois bem, os vigilantes da Usiminas não permitiam os garotos vendessem guloseimas na área vizinha à empresa, na rodovia MG-4, de propriedade do governo. E se por acaso encontravam alguma criança que os "desobedece", tomavam-lhes os doces e a cadeira e engraxate quando não davam-lhes também uma surra, sem que seus pais pudessem reclamar a ninguém.

Junto com a atuação criminosa desses marginais começou a imperar a prepotência na empresa. Enquanto os vigilantes atiravam ao rosto dos operários o leite a que estes tinham direito por trabalharem em lo-

cas insalubres — mas que preferiam levar para os filhos — um diretor da empresa, eng.º João Cláudio, atirava ao rosto de um garçon do restaurante da companhia um copo d'água, porque caíra um mosquito em sua babada. Pouco a pouco ia-se criando aquele clima de cangaço, que transformou Ipatinga numa cidade sem lei, governada pelos pistoleiros da Usiminas.

A polícia militar passou a ser um acessório da direção da empresa, e isso foi o que aconteceu quando o chefe da vigilância, Omar Vieira, acusou o trabalhador Raimundo Francisco da Silva de ter falsificado a assinatura de outro operário, e ter-se apropriado indevidamente de seu salário. Raimundo e o operário que fora roubado tiveram que ir à delegacia onde passaram três dias e três noites presos, sendo torturados. O operário Raimundo Francisco foi casado pelos policiais, ficando inutilizado para o trabalho. O infeliz trabalhador apresentou queixa à justiça, e a Usiminas, logo que foi intimada, apresentou-se a oferecer cinco milhões de cruzeiros por seu silêncio, proposta recusada violentamente pelo trabalhador que não perdeu a dignidade diante das torturas e não iria perdê-la agora diante do dinheiro da Usiminas. Raimundo, que é conhecido por seus companheiros como "Botinha", esclareceu que, durante as noites de torturas, o capitão Maurício ameaçava atirá-lo ao rio "como já fizera com outros temidos nas confissões", e lembra ainda Botinha que muitos de seus companheiros de trabalho desapareceram enquanto seus amigos acreditavam que tivessem voltado às suas cidades.

Botinha foi torturado em agosto de 1962. Seus sofrimentos eram o retrato de uma situação que reinava na Usiminas. As torturas contra ele e os demais trabalhadores da empresa prepararam o clima para os acontecimentos de outubro. No dia 7, os trabalhadores foram a greve pacificamente para protestar contra os espancamentos coletivos que haviam sido perpetrados na noite anterior. Durante as manifestações de protesto, a polícia e os vigilantes mataram mais de três dezenas de trabalhadores. O vulto da tragédia levou a ser do conhecimento de toda a Nação. Ai já não era mais possível esconder a realidade da situação em Ipatinga, como se fizera outras vezes.

Os policiais foram removidos para Belo Horizonte, o destacamento de cavalaria foi dissolvido, abriu-se um inquérito interno na empresa. Alguns, mas não todos, os implicados, foram detidos. Os vigilantes foram transferidos de suas funções e outras medidas estão sendo anunciadas.

Entretanto, até agora as medidas adotadas só foram parciais. Não é possível que se permita a presença, na direção da empresa, de diretores implicados nos acontecimentos, tais como o

sr. Gil Guatimozim, é necessário também uma completa reformulação do problema das relações entre a empresa e seus sete mil trabalhadores. Estes trabalham em casas de bombas, altos-fornos, na coqueira, nas tubulações de gás e não recebem um centavo sequer de taxa de insalubridade ou de risco de vida, enquanto muitos de seus colegas perdem a vida como sucedeu a cinco trabalhadores que foram envenenados por gases mortais.

As causas do massacre de outubro estavam diretamente ligadas ao tratamento e à vida que sofrem os trabalhadores, portanto, os vigilantes, os espancamentos e até mesmo o tiro que foram causa dessa situação que até agora só foi modificada em sua superfície, sem que o governo atentasse para a melhoria das vidas de milhares de operários que constroem o progresso do País.

Os acontecimentos da Usiminas devem ser um exemplo para as grandes empresas siderúrgicas do vale do Rio Doce e para o governo de Minas Gerais que, uns na sanha de maiores lucros e o outro com uma fiscalização apática fizeram com que centenas de pessoas perdessem por balas assassinas compradas com o dinheiro da classe operária.

## AOS AGENTES DE PPS NO INTERIOR

A GERÊNCIA DE PPS avisa os seus agentes no interior, que o número 9 lhes foi enviado pela Franquia Postal, e lhes será cobrado pelo Reembolso juntamente com o número 10. Aproveita a oportunidade para informar os assinantes em atraso que lhes será cobrada a renovação pelo Reembolso Postal.

## VISITE A EXPOSIÇÃO DE MAQUINARIA DA TCHECOSLOVAQUIA

ESCOLA  
TÉCNICA DE BELO HORIZONTE  
RUA AMAZONAS, n.º 5253  
De 30-11-63 a 15-12-63  
Aberta das 14 às 22 horas,  
exceto às 2as. feiras.  
Estacionamento na área de  
Exposição.



RETRATO

Destino de trabalhador em Ipatinga fuzilado no barraco pelos vigilantes da Usiminas.

# UM GOLPE DE ESTADO



## POLÍCIA DE DALLAS FACILITOU OS CRIMES

## NOVOS FUMOS

O que logo salta aos olhos, diante dos trágicos acontecimentos de Dallas, é a estranha falta de segurança que cercou a visita do presidente John Kennedy àquela cidade que lhe era reconhecidamente hostil. Várias advertências haviam sido feitas a Kennedy, sobre a situação no Texas. Stevenson, que fora mal recebido, sofrendo mesmo agressões em recente visita àquele Estado, telefonara ao presidente rogando-lhe que suspendesse a visita a Dallas. Robert Kennedy também chamara a atenção do presidente sobre os perigos da viagem. E recorda-se, ainda, o que se escreveu, há pouco, o colunista Joseph Alsop, na revista "Post", quando afirmou que encontrara um ambiente terrível no Sul dos Estados Unidos contra o presidente. E acrescentou que vira senhores, de aparência pacífica, que diziam, rangendo os dentes: "Queremos vê-lo morto".

Era de esperar que, disposto Kennedy a enfrentar todos esses perigos, sua segurança fosse redobçada. E estranho mesmo que dispositivos elementares não tenham sido postos em prática. As viagens dos estadistas são sempre cercadas de severas medidas. Há alguns anos — os cartões bem se lembram — esteve no Brasil o presidente Eisenhower. Por todo o Rio de Janeiro, em todo o itinerário que iria ele percorrer, espalharam-se agentes da polícia norte-americana, com tal exatidão que chegou a levantar protestos. Em vários edifícios da Av. Rio Branco, eram vistos policiais, de luneta aos olhos, examinando atentamente as fachadas dos edifícios fronteiras.

Não se compreende que uma redobrada segurança não cercasse Kennedy no Texas. Até mesmo a capota transparente, mas à prova de balas, do seu carro, estava descolada, o que tornou seus ocupantes vulneráveis aos projéteis atirados de locais mais elevados.

### A CONDUTA DA POLÍCIA

Quando passava pela rua principal da cidade de Dallas, Kennedy é atacado a tiros, partidos de um edifício, mais precisamente, do 6º andar. Onde havia um depósito de livros. Está claro que toda aquela zona foi imediatamente cercada, notadamente o edifício de onde partiram as balas assassinas. E elementar que seus ocupantes ficassem sob suspeita, impedidos de retirar-se pelo menos até que se processassem as primeiras investigações. Mas todas as agências telegráficas dizem que Lee Oswald, apesar de abordado por um policial, pôde sair, depois que um dos dirigentes da firma em que trabalhava revelou ao guarda sua condição.

A leitura dos milhares de telegramas divulgados deixa claro uma série de estranhas contradições sobre a conduta da polícia de Dallas, particularmente diante de Lee Oswald. Algumas notícias dizem que ele subira ao 6º

O bárbaro assassinato do presidente John F. Kennedy tem o significado e todas as características de um golpe de Estado. O desdobramento do atual quadro político interno dos Estados Unidos, ao lado das circunstâncias de autêntico gangsterismo político que envolvem e cruel assassinato, não deixam dúvida quanto ao sentido do crime de Dallas: o assassinato de Kennedy foi armado pelos círculos mais reacionários e belicistas dos Estados Unidos, empenhados em substituir no poder um homem que, exprimindo o pensamento dos setores mais realistas das classes dominantes de seu país, vinha convertendo num alvo dos ataques histéricos dos instigadores da "guerra santa contra o comunismo".

### OS BELICISTAS

A 17 de janeiro de 1961, em seu discurso de despedida o presidente Eisenhower pronunciou palavras que eram uma gravíssima advertência. Pretendendo embuya justificar, do ponto de vista de "segurança nacional", a inebulosa corrida armamentista norte-americana, dizia Eisenhower: "Devemos estar vigilantes para que esse complexo industrial-militar não adquira, deliberadamente ou não, uma influência grande demais nos organismos do Governo. O risco da ascensão desastrosa de um poder mal colocado existe e continuará a existir. A influência econômica, política e mesmo espiritual de nosso aparelho militar e de nossa poderosa indústria de armamentos faz-se sentir em cada cidade, em cada administração local, em cada serviço do governo federal".

A partir do instante em que foram proferidas essas palavras, o que se viu e se ve nos Estados Unidos é o estorpo obstinado das forças econômicas e políticas cujos interesses se acham diretamente envolvidos com o "Complexo Industrial-Militar" em conduzir a política norte-americana — e de todo o mundo capitalista dependente do imperialismo dos EUA — no sentido do agravamento de situação internacional, da agressão militar aberta a Cuba e do abandono de todo e qualquer acordo parcial com a União Soviética e outros países socialistas.

Ainda em 1961, revelando a extensão e a profundidade que adquiriu nos Estados Unidos a ação belicista da cúpula militar, encarnada no Pentágono, o senador Fulbright, presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, enviou um memorando ao secretário da Defesa, general MacNamara, apontando mais de uma dezena de exemplos e fatos concretos de militares que violavam a disciplina e abusando do poder, faziam pregações escancaradamente a favor da guerra e contra o que chamavam a "tolerância do Governo" em relação à União Soviética e, em geral, ao "perigo comunista".

No dia 2 de setembro de 1961, "The Nation" tornava públicos dados estarrecedores acerca da atividade "propagandística" do Pentágono. Só em um ano — 1960 — e apenas em Washington, o Pentágono gastara 1,6 milhões de dólares em propaganda, tendo empregado 451 pessoas como "public relations". Mas isso ainda não é nada: o Serviço de Rádio e Televisão das Forças Armadas dos EUA opera em mais de 200 faixas de rádio e com cerca de 30 estações de televisão montadas no exterior, atingindo diariamente um público de mais de 5 milhões de pessoas.

Nessas atividades, conta o Pentágono com a cumplicidade da Agência Central de Inteligência — um outro império dentro dos EUA — em cuja direção, inamovível, se encontra o histórico belicista Allan Dulles, irmão do finado Foster Dulles.

E em função de que atua esse tremendo "complexo industrial-militar", qual a política que defende e procura impor?

Isso fica suficientemente claro não só através do conteúdo da atividade propagandística dessa cúpula militar, mas através de suas ações provocadoras e belicistas. Ainda há poucos dias (17 do corrente), o "Jornal do Brasil" transcrevia um artigo publicado no "New York Times" de Nova Iorque, sob o título "Diplomatas fardados", em que se menciona uma multidão de exemplos, ocorridos na América Latina, na Ásia e na África, da intervenção descabida e provocadora de militares norte-americanos, subordinados ao Pentágono e à CIA, derrubando e fazendo governos. Esclarece-se aí, por exemplo, que todos os chefes gorilas que participaram de golpes na Argentina, Peru, Equador, Guatemala, Honduras e República Dominicana tiveram treinamento militar em bases norte-americanas, mantidas pelo Pentágono, ou viviam na mais estreita intimidade com os seus agentes.

### «ESTAMOS EM GUERRA»

A histeria belicista desses grupos tem como um de seus porta-vozes o general Edwin Walker, que serviu na Alemanha Ocidental, onde tudo fez para acender o estopim da guerra termonuclear. Afastado da Alemanha, recusou-se a aceitar sua transferência e dirigiu ao Senado lanque um documento que é a plataforma da "guerra santa anticomunista". Diz Walker nesse documento coisas assim: "Estamos em guerra" e o inimigo se infiltra em nossas fileiras. Cada dia que passa perdemos um pouco mais essa guerra"; "nosso objetivo não é a paz, mas a liberdade"; "os discursos sobre a coexistência não passam de concessões aos tímidos e aos crédulos"; "não pode haver coexistência num campo de batalha"; "deixar-se a guerra. Cada homem é um soldado".

Partindo, portanto, de que a "guerra está declarada", os gorilas lanques são partidários da agressão militar aberta contra Cuba, do acirramento constante da tensão na Alemanha e não admitem, por consequência, qualquer entendimento ou acordo com a União Soviética e demais países do campo socialista.

Os últimos acontecimentos internacionais mais importantes, como o compromisso de Kennedy de não invadir Cuba e, este ano, o acordo pela proscrição das experiências atômicas entre a URSS e os EUA — já ratificado por dezenas de outros países — despertaram a ira das camarilhas mais agressivas do imperialismo norte-americano.

A atitude realista de Kennedy foi logo caracterizada como um "reco" e um "estímulo ao comunismo internacional". "Querem entregar-nos inermes ao comunismo",

bradavam os fanáticos da guerra termonuclear. A Sociedade John Birch, onde se agrupam os mais ferrenhos reacionários e belicistas, afirma: "O maior perigo está dentro do País. Vem ele da influência comunista em nosso meio e da traição instalada em nosso Governo".

Essa política de reação e de guerra — a "guerra santa contra o comunismo" — faz com que prolifere hoje nos Estados Unidos, ao lado do mais sórdido gangsterismo político, uma enorme variedade de grupos e seitas nazistas, racistas e belicistas. A revista oficial da John Birch — "American Opinion" — chega a afirmações desse tipo, reveladoras da total insanidade dessa minoria em desespeiro: "A influência comunista exerce agora um controle absoluto sobre o nosso Governo, em Washington".

Essa evidência mais se reforça quando se consideram outros aspectos, tais como:

- 1) Eliminado Kennedy, passa o Governo norte-americano para as mãos de L. J. Johnson, cuja indicação para figura: na chapa do Partido Democrático, ao lado de Kennedy, foi, como se sabe, uma imposição dos círculos mais reacionários e obscurantistas daquele partido. Referindo-se ao atual presidente norte-americano, diz "O Estado de São Paulo" de 24 último, baseado-se em despachos das agências telegráficas: "Não resta dúvida, porém, de que Johnson implantará gradualmente algumas modificações na política dos Estados Unidos, seguindo provavelmente uma diplomacia mais conservadora nas relações com a URSS. E mais: "É um representante do Texas. Considera-se, com efeito, impossível realizar com êxito uma carreira política nesse Estado se não se contar com o apoio dos círculos petrolíferos".

- 2) ao que tudo indica, só mesmo a eliminação física de Kennedy impediria a sua reeleição no próximo ano, à base de uma campanha feita em torno de problemas internos como a supressão da segregação racial e de problemas externos como o relativo relaxamento da tensão internacional. A conspiração consumada no Texas visava afastar Kennedy do páreo sucessório e permitir que os sobas do Partido Democrático montem um esquema de poder mais dócil dos Walker, aos racistas e fanáticos da guerra termonuclear.

### DEFENDER A PAZ

A situação que se cria hoje nos Estados Unidos constitui um motivo de justa preocupação partilhada as pessoas que, no mundo inteiro, desejam a paz e lutam por ela. Não se trata, absolutamente, de considerar que Kennedy era o "grande bafuárte da paz", nem, muito menos, que os Estados Unidos, sob o seu governo, tivessem perdido a condição de líder do campo imperialista, de potência espoliadora e de saqueadora dos povos. Trata-se, porém, de ter em conta que, em face das contradições que dividem as forças sociais e políticas dentro do próprio imperialismo norte-americano, Kennedy era a expressão dos círculos que consideravam mais prudente encarar com realismo o desdobramento da situação internacional, o poderio do campo socialista, a força do movimento de libertação nacional dos povos oprimidos. E partindo dessa visão realista, eram levados, em determinadas circunstâncias, a estabelecer negociações e concluir acordos, a exemplo do assinado em Moscou proibindo as experiências atômicas.

A situação que surge hoje nos Estados Unidos alerta os partidários da paz de todo o mundo, quaisquer que sejam suas tendências e convicções, a redobrar a sua luta contra as ameaças de guerra, a favor da solução negociada dos problemas internacionais pendentes, a favor de coexistência pacífica.

Tão baixo desceu "O Globo" em sua sabujice e seu reacionarismo que não vacilou em tornar-se porta-voz da polícia de Dallas e demais cúmplices do assassinato de Kennedy. Logo na segunda-feira, em editorial de primeira página, o jornal do "comendador" Marinho velucava a versão de que estava provada a responsabilidade de Lee Oswald no assassinato e, mais, que se tratava mesmo de um "homem fanatizado pelas ideias esquerdistas", tendo cometido o crime para atender a ordens do "comunismo".

Como se consegue confundir a imprensa com a infâmia, o dever de informar com o propósito de mentir conscientemente, o respeito mínimo aos leitores com o cinismo mais abjecto!

E agora, quando ficou pulverizada aquela grosseira provocação e se evidencia, com uma nitidez hora e hora maior, que o crime de Dallas foi um golpe de Estado dos fanáticos da guerra e da reação, que faz "O Globo"? Reconhece a infâmia e se desculpa diante dos leitores? Abre suas colunas para publicar os esclarecimentos do Partido Comunista dos EUA e da Comissão de Bom Trato com Cuba, segundo os quais Oswald não pertencia aos seus quadros? Nada disso: "O Globo" insiste na infâmia, silenciando a verdade.

E mais: retira da primeira página todo noticiário que serve para documentar o fato de ter sido o crime de Dallas um golpe de Estado dos ultra-reacionários lanques.

mo", bradavam os fanáticos da guerra termonuclear. A Sociedade John Birch, onde se agrupam os mais ferrenhos reacionários e belicistas, afirma: "O maior perigo está dentro do País. Vem ele da influência comunista em nosso meio e da traição instalada em nosso Governo".

Essa política de reação e de guerra — a "guerra santa contra o comunismo" — faz com que prolifere hoje nos Estados Unidos, ao lado do mais sórdido gangsterismo político, uma enorme variedade de grupos e seitas nazistas, racistas e belicistas. A revista oficial da John Birch — "American Opinion" — chega a afirmações desse tipo, reveladoras da total insanidade dessa minoria em desespeiro: "A influência comunista exerce agora um controle absoluto sobre o nosso Governo, em Washington".

### O GOLPE

Essa evidência mais se reforça quando se consideram outros aspectos, tais como:

- 1) Eliminado Kennedy, passa o Governo norte-americano para as mãos de L. J. Johnson, cuja indicação para figura: na chapa do Partido Democrático, ao lado de Kennedy, foi, como se sabe, uma imposição dos círculos mais reacionários e obscurantistas daquele partido. Referindo-se ao atual presidente norte-americano, diz "O Estado de São Paulo" de 24 último, baseado-se em despachos das agências telegráficas: "Não resta dúvida, porém, de que Johnson implantará gradualmente algumas modificações na política dos Estados Unidos, seguindo provavelmente uma diplomacia mais conservadora nas relações com a URSS. E mais: "É um representante do Texas. Considera-se, com efeito, impossível realizar com êxito uma carreira política nesse Estado se não se contar com o apoio dos círculos petrolíferos".

- 2) ao que tudo indica, só mesmo a eliminação física de Kennedy impediria a sua reeleição no próximo ano, à base de uma campanha feita em torno de problemas internos como a supressão da segregação racial e de problemas externos como o relativo relaxamento da tensão internacional. A conspiração consumada no Texas visava afastar Kennedy do páreo sucessório e permitir que os sobas do Partido Democrático montem um esquema de poder mais dócil dos Walker, aos racistas e fanáticos da guerra termonuclear.

### DEFENDER A PAZ

A situação que se cria hoje nos Estados Unidos constitui um motivo de justa preocupação partilhada as pessoas que, no mundo inteiro, desejam a paz e lutam por ela. Não se trata, absolutamente, de considerar que Kennedy era o "grande bafuárte da paz", nem, muito menos, que os Estados Unidos, sob o seu governo, tivessem perdido a condição de líder do campo imperialista, de potência espoliadora e de saqueadora dos povos. Trata-se, porém, de ter em conta que, em face das contradições que dividem as forças sociais e políticas dentro do próprio imperialismo norte-americano, Kennedy era a expressão dos círculos que consideravam mais prudente encarar com realismo o desdobramento da situação internacional, o poderio do campo socialista, a força do movimento de libertação nacional dos povos oprimidos. E partindo dessa visão realista, eram levados, em determinadas circunstâncias, a estabelecer negociações e concluir acordos, a exemplo do assinado em Moscou proibindo as experiências atômicas.

A situação que surge hoje nos Estados Unidos alerta os partidários da paz de todo o mundo, quaisquer que sejam suas tendências e convicções, a redobrar a sua luta contra as ameaças de guerra, a favor da solução negociada dos problemas internacionais pendentes, a favor de coexistência pacífica.

## A Baixeza de «O Globo»

Tão baixo desceu "O Globo" em sua sabujice e seu reacionarismo que não vacilou em tornar-se porta-voz da polícia de Dallas e demais cúmplices do assassinato de Kennedy. Logo na segunda-feira, em editorial de primeira página, o jornal do "comendador" Marinho velucava a versão de que estava provada a responsabilidade de Lee Oswald no assassinato e, mais, que se tratava mesmo de um "homem fanatizado pelas ideias esquerdistas", tendo cometido o crime para atender a ordens do "comunismo".

Como se consegue confundir a imprensa com a infâmia, o dever de informar com o propósito de mentir conscientemente, o respeito mínimo aos leitores com o cinismo mais abjecto!

E agora, quando ficou pulverizada aquela grosseira provocação e se evidencia, com uma nitidez hora e hora maior, que o crime de Dallas foi um golpe de Estado dos fanáticos da guerra e da reação, que faz "O Globo"? Reconhece a infâmia e se desculpa diante dos leitores? Abre suas colunas para publicar os esclarecimentos do Partido Comunista dos EUA e da Comissão de Bom Trato com Cuba, segundo os quais Oswald não pertencia aos seus quadros? Nada disso: "O Globo" insiste na infâmia, silenciando a verdade.

E mais: retira da primeira página todo noticiário que serve para documentar o fato de ter sido o crime de Dallas um golpe de Estado dos ultra-reacionários lanques.

cial, foram eles revistados. Jack, não. Entrou armado e as notícias justificam de forma ridícula sua permanência ali: fora ajudar a empurrar as câmaras de televisão. Ficou à espera de Lee, entre policiais e, mal apareceu o acusado da morte de Kennedy, Jack a ele se dirige, revólver em punho, sob os olhares complacentes das autoridades, e ali mesmo o mata.

Mas há outros elementos de suspeição. Trata-se do grande estardalhaço feito para a mudança de prisão de Lee Oswald. Sabe-se que a própria polícia do Texas tinha conhecimento de que havia ameaças à vida de Lee. Meia hora antes de sua morte, telefonemas avisavam que algo de grave poderia suceder. Tinha a polícia de Dallas, como é claro, todas as condições para despistar a imprensa, ou os possíveis agressores de Lee. Bastava antecipar ou transferir o momento de sua remoção para a prisão do Condado, fazendo divulgar propositalmente uma notícia inexistente. Mas fizeram exatamente o contrário. Deram toda a divulgação à próxima transferência de Lee. Requisitaram um carro blindado, que chamaria logo a atenção. E realizaram outros preparativos que, sob o pretexto de proteger a vida do acusado, na verdade o expunham a um possível atentado.

### PLANEJADA FRIAMENTE

A morte de Lee Oswald não foi, de forma alguma, um fato isolado. Foi ela friamente preparada, como também cuidadosamente planejada foi sem dúvida a morte do presidente Kennedy. Seja Lee Oswald inocente, seja de fato o criminoso, sua morte serviu aos que planejavam o desaparecimento do presidente dos Estados Unidos.

Se aceitarmos a hipótese de que Lee não tenha assassinado Kennedy, temos necessariamente de chegar à conclusão de que tudo foi preparado para que ele aparecesse como o criminoso e sua morte por fim ao assunto. Nada mais haveria a provar, a polícia de Dallas teria, como efetivamente deu, por encerradas as diligências. O promotor John Wade, mal morreu Lee, apresentou essas "provas" e disse que, "baseando-se nelas, estou certo de que Oswald era o criminoso". Partindo daí, ou melhor, terminando ali, nada mais haveria a fazer: Kennedy foi morto, seu assassinato também; basta, agora, condenar o matador de Lee.

A outra hipótese é a de que Lee Oswald seria de fato o assassino de John Kennedy. Nesse caso, como peça importante de uma trama, já havia cumprido sua tarefa. E, embora se mantivesse até então "duro", negando o crime e nada revelando, seria um perigo potencial para os outros participantes do plano criminoso. Seria um homem que havia demais e precisava ser silenciado. E Jack serviu a esse epílogo.

É, por conseguinte, um elemento conhecidoíssimo da polícia de Dallas. E é exatamente ele o único estranho, isto é, o único homem que conseguiu penetrar nos subterrâneos da prisão de Dallas sem pertencer à Polícia ou à imprensa. Aos homens da imprensa foi exigida creden-